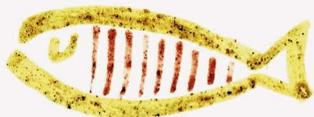


NARRATIVAS do INTERIOR



PEDRO SILVA



Pedro Paulo Rodrigues da Silva é natural de Barra do Bugres no estado do Mato Grosso. Nascido em junho de 1997, Pedro Silva é quilombola e estudante de Engenharia Química.

Interessado, acompanha com muita atenção e carinho as manifestações culturais e religiosas da terra quilombola Vão Grande, particularmente do avô Francisco, capelão, cururuzeiro animado e tocador de viola-de-cocho dos bom, registro vivo das histórias desse lugar misteriosamente belo.

Nesta obra Pedro Silva registra um pouco dos valores presentes na sua família e na comunidade Vão Grande.



NARRATIVAS do INTERIOR

PEDRO SILVA

ficha técnica



© 2021 Pedro Silva
© 2021 Escola de Ativismo

Produção e Revisão
Escola de Ativismo

Projeto gráfico e diagramação
Isabella Alves

Ilustrações
Isabella Alves e Rodrigo Aquino

1a edição
Sugerimos e estimulamos a reprodução total ou parcial
dos conteúdos desta obra. Favor citar a fonte.

Apoio: **Sociedade Fé e Vida e Comitê Popular das Águas do Rio Jauquara**
Apoio institucional: **Programa Humedales Sin Fronteras - Both Ends**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) **(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

Silva, Pedro
Narrativas do interior / Pedro Silva ; [produção
e revisão Escola de Ativismo]. -- São Paulo : Ed. da
Autora, 2021.

ISBN 978-65-00-33308-4

1. Artesanato - Barra do Bugres (MT) 2. Barra do
Bugres (MT) - História 3. Contos e lendas - Barra do
Bugres (MT) 4. Cultura popular - Barra do Bugres (MT)
5. Festas religiosas - Barra do Bugres - (MT)
I. Escola de Ativismo. II. Título.

21-86946

CDD-306.98172

Índices para catálogo sistemático:

1. Barra do Bugres : Mato Grosso : História cultural 306.98172
Cibele Maria Dias - Bibliotecária - CRB-8/9427

NARRATIVAS do INTERIOR



PEDRO SILVA
2021

06. APRESENTAÇÃO

08. O TERRITÓRIO E SUAS CARACTERÍSTICAS

Localização e história p. 09

História de conflitos p. 14

Cultura p. 15

Artesanato p. 16

18. VIVÊNCIAS

A escolha do território p. 19

Pesca e Tucum p. 20

Caça com bodoque p. 23

As roças p. 24

Mulheres faziam as roupas p. 30

Muchirum p. 32

O respeito e a hospitalidade do Vão Grande p. 34

As casas p. 35

36. CONTOS, CAUÇOS, LENDAS E MITOS

Criaturas encantadas p. 40

Explicações para o sumiço das criaturas p. 42

44. O RIO E SUA IMPORTÂNCIA

Os córregos p. 47

Memórias do Rio p. 48

A pesca p. 49

52. RELIGIÃO

Preparação das festas p. 54

As rezas p. 59

A importância da ladainha p. 62

66. ORAÇÕES

Ladainha p. 67

Salve, rainha p. 69

Glória da virgem p. 69

Graças a vós da mãe senhora p. 70

Oração de Santo Antônio p. 71

Oração de São Sebastião p. 72

Oração Coração Amoroso p. 73

Bendito p. 74

Oração de beijar santo p. 74

Oração da Conceição p. 74

Oração de Jesus, Maria, José p. 75

76. AMEAÇAS

79. CONVERSAS

A respeito de seres encantados p. 79

Sobre ervas medicinais p. 83

Curiosidade p. 85

Receita de tinta natural p. 86

Atividade p. 87

APRESENTAÇÃO

O ano foi 2019. Durante as comemorações do Dia do Rio Jauquara, a Sociedade Fé e Vida, por meio de Vanda e Salomão, consultou as comunidades do Vão Grande sobre a possibilidade de uma estadia da Escola de Ativismo naquele território para levar informações de uma grave ameaça: a instalação de uma Barragem, de um Pequena Central Hidrelétrica - PCH no Rio Jauquara. Com o aceite da comunidade e todo o trabalho na organização desta viagem, Ivan, Sílvio e Mário ficaram dez dias do mês de julho conhecendo o território.

Manifestações culturais e artísticas belíssimas: um multiverso de pessoas, palavras, gestos, fazeres, lugares, saberes e sabores. Um verdadeiro Corredor Biocultural! Uma estrelinha desse universo que nos foi apresentada consistia em um conjunto de orações transcritas por um neto com vontade de registrar a cultura oral sustentada por seu avô. Ali foi o primeiro contato que tivemos com o desejo de Pedro Silva em relação aos saberes de seu Francisco. Entre neto e avô, a mãe Lindalva nos mostra a primeira versão da garimpagem: um encadernado com a transcrição das rezas cantadas numa maravilhosa mistura de latim e português, português e latim compondo linguagem e idioma singulares.

Encantados, provocamos o Pedro Silva. Provocamos e sustentamos seu movimento de pesquisa, de estudo, de escrita deste texto que ganhou um título muito interessante e cheio de mistério: Narrativas do Interior. Desse caderno de rezas, Pedro foi tecendo mais e mais, como quem abre o caroço do algodão, puxa uma linha, enrola na outra. Da linha faz um fio, outro fio e, fiando linhas de

vida e conosco fiando linhas de escrita, fiando e con_fian-do vai escrevendo linha por linha, num tecido de rezas, contos, lendas, festas... vai compondo um povo.

São *Narrativas do Interior* de Pedro Silva, mas poderiam ser do interior do seu Francisco. Poderiam ser Narrativas dos Anteriores ao Pedro Silva num ato falho belíssimo que ouvimos no dia 19 de junho de 2021 quando do lançamento da versão preliminar do texto que deu origem à publicação que chega agora pra você, leitor e leitora. São Narrativas de Interiores e Anteriores...

São narrativas do Território, de Vivências, são Contos, Causos, Lendas e Mitos. São narrativas em fluxo que poderiam ganhar o nome de rio Jauquara. São narrativas que apresentam uma religiosidade por meio de festas, orações e ladainhas. Tradições que, para o autor, estão ameaçadas. Narrativas fortes e belas que colocam para circular um pouco das maravilhas que fazem do território quilombola Vão Grande um lugar muito, mas muito especial.

Nós da Escola de Ativismo e da Sociedade Fé e Vida desejamos que este livro te dê alegria. Que ele nos ajude a produzir novas formas de con_vivência e aquilombamentos outros.

Viva o rio Jauquara, viva o Vão Grande, viva! Viva o rio Paraguai, viva o Pantanal, viva! Viva todos Comitês Populares dos rios da Bacia do Paraguai. PCH? Aqui não!

Boa leitura.

Escola de Ativismo e Sociedade Fé e Vida.

O TERRITÓRIO E SUAS CARACTERÍSTICAS

LOCALIZAÇÃO E HISTÓRIA

O Território Vão Grande é um complexo quilombola composto por cinco comunidades: Retiro, São Benedito, Camarinha, Morro Redondo e São José Baixio. São comunidades cheias de culturas e tradições mantidas por gerações e gerações que vivem às margens e dependem do Rio Jauquara, responsável pela sobrevivência e manutenção de toda uma cultura e tradição.

O Vão Grande fica a cerca de 175 km da capital de Mato Grosso, Cuiabá. O centro urbano mais próximo é o de Barra do Bugres, a cerca de 70 km, sendo que a metade dessa distância se trata de estrada de chão mesmo. Na temporada de chuvas, ou “nos tempos das águas”, como os residentes gostam de falar, esse trajeto fica quase inviável pelo excesso de buracos e atoleiros, sem contar os lugares escorregadios. Nos relatos de meu avô, pai, mãe, dentre muitas outras pessoas com quem tive conversas proveitosas, houve tempos em que esse trajeto era feito a pé, considerando que ninguém da comunidade tinha outros modos de locomoção a não ser em lombos de cavalos ou, em casos muito raros, bicicletas. Normalmente só faziam viagens para obter mantimentos. Muitas vezes essas pessoas dormiam em lugares estratégicos, normalmente próximo a córregos, ou em lugares menos perigosos. Lugares esses que foram ganhando nomes pelos moradores e que foram memorizados por todos e até hoje são usados, como “Córrego Grande” (devido a ser um córrego maior comparado aos inúmeros dentro desse trajeto); “Maiada”, “Pitombeira”, “Capão de paca” (nesse local sempre encontravam esse animal), “Córrego de Mate” (um córrego que, até nos dias atuais, é possível encontrar essa planta), “Capão Cheroso” (recebe esse nome devido a quantidade de espécies de plantas que liberam aromas agradá-

veis, ao amanhecer ou a noite, e com o clima mais ameno esse cheiro é sentido por vários metros).

Naquela época, como não tinham acessibilidade às cidades, os moradores sobreviviam da agricultura, caças e pescarias, costume esse herdado de indígenas, já que os quilombos não eram refúgio apenas de negros, mas também de muitos indígenas escravizados. As narrativas mencionam indígenas que, de alguma forma, foram levados para o território e, segundo tais narrativas, essas pessoas eram muito resistentes e que vários indígenas foram pegos a laço, um traço forte de escravidão mesmo. Ao se refugiar em quilombos passaram a construir famílias e compartilhar costumes, lendas e crenças diferentes, por se tratar de tempos muitos difíceis de escravidão. Nos dias atuais, os moradores normalmente não se abrem nesse assunto. Imagino que é como se fossem cicatrizes perante o tempo, e cada vez em que se toca no assunto acaba-se lembrando dores e sofrimentos. Creio eu que por isso essas histórias de antepassados escravizados foram de certa forma esquecidas no tempo. Ainda assim, alguns dos moradores vivos descrevem que “todos de certa forma fomos escravos”, narrativa essa que logo mais foi explicada da seguinte maneira: “às vezes já chegamos a trabalhar diárias que valiam um pedaço de toucinho de porco ou 1 kg de carne”. Isso dependia muito dos fazendeiros porque, às vezes, nem pagavam os trabalhadores. Logo, no território, os primeiros moradores tinham essas características, e foi passando de geração em geração até os dias atuais, desde os costumes até a ligação com a natureza.

Em cada local de “espera”.

As esperas, no linguajar local, são locais fixos de caças, sempre são feitos em locais propícios onde os animais procuram se alimentar ou costumam passar frequentemente. Essas esperas são feitas em árvores, ou simplesmente levam



rede de dormir e ficam no local. Antes de realizar a espera tem todo um estudo sobre o animal que frequenta a região, estudo que leva dias a ser concretizado, levando o indivíduo diversas vezes aos trajetos dos animais, tentando saber a hora exata e os dias em que o animal passa por ali. Depois, basta pegar os equipamentos de caça e partir para o local de espera, torcer para que tudo dê certo – até porque envolve muitos fatores, incluindo a fase da lua, o clima e, algumas vezes, a direção do vento, já que se o animal sentir seu cheiro, dificilmente seguirá seu caminho. Esses e outros lugares ganhavam nomes parecidos com os dos trajetos da estrada. Normalmente, esses nomes são dados devido peculiaridades existentes nos locais, como por exemplo ‘Mangabal’, onde ainda existe muitos pés de mangabas, “Cabeceira”, por ser nas cabeceiras de córregos, “Morro da Fortuna”.

Conversando com meu avô, conseguimos colocar todos os córregos e lugares, na ordem, partindo do sítio até a vila mais próxima [o distrito de Currupira, a cerca de 35 km de distância]. Na conversa que tivemos passamos de lugar por lugar, significado por significado – talvez alguns desses córregos não existam mais, porém seus nomes permanecem na localidade. Desde o primeiro morador: Corgo do Cavalo, Ribeirão, Anta Brava, Corgo da Bônia (uma fruta semelhante a baunilha), Monjolo (equipamento de socar alimentos movido a força das águas e semelhante a moinhos, encontrado nas



fazendas antigas, porém com compartimento pequeno que, na medida que enchia uma parte, tinha o mão de pilão que subia, e ao se esvaziar o mão de pilão, descia com velocidade e bastante força – nesse trecho ou córrego, a capacidade e força que a água tinha era possível instalar esse equipamento, uma grande tecnologia naquele tempo, e era possível processar alimentos, desde arroz até milhos e outros grãos, e por isso ganhou-se o nome de corgo do monjolo ou simplesmente monjolo), Cumbaru de Faustino (devido a mulher grávida ter filho no local), Matador, Corgo do Mate (onde existe, até nos dias atuais, uma espécie de planta semelhante ao mate), Capão de Paca (existia muita paca), Capão Cheiroso ou Pindaivá (lugar de mata fechada onde o aroma agradável prevalece e existe muita pindaiva, por isso os dois nomes). Todos esses nomes estão dentro das comunidades Retiro e São Benedito (a comunidade

Retiro recebeu tal nome devido a grande quantidade de casas no mesmo lugar e a comunidade São Benedito em homenagem ao padroeiro da comunidade).

Seguindo os nomes: Fava (devido a quantidade de favinha), Mangueiral, Mangaval, Morro da Fortuna, Corgo da maçã, todos na região do Retiro, sendo que cada um são partes de córregos e matas.

Ao decorrer desses córregos e riachos normalmente existiam roças, considerando a fertilidade da terra nessas localidades.

Um dos primeiros moradores das comunidades Retiro e São Benedito era considerado como o dono do terreno. Era chamado de Leopoldino José da Silva, pai dos “Nunes”. Nessa época, era uma terra comum, que não tinha fronteiras, nem cercas, nem outras formas de divisão. As criações eram criadas de maneira que fosse para todos os lados, desde o Sítio até Currupira era aberto, sem nenhuma fronteira mesmo.

Procurei saber sobre escravos, infelizmente foram poucas informações, mas o que se sabe da época é que existem vestígios que comprovam a passagem de muitos pelo território, já que várias fazendas e pessoas foram obrigadas a fazer valetões a enxadão para construir cercas. Nisto há uma história, de que necessitaram 10 homens para tirar uma pedra do caminho, sem falar nas valas no “barraco”, um lugar bastante conhecido, localizado nas furnas de serras.

As estradas foram feitas pouco a pouco. Começou através das picadas. Alguns dos moradores mais velhos foram comprando carroças e acampando nos trechos, construindo pontes e estradas com enxadões e outras ferramentas primárias. Praticamente 35 quilômetros ou mais foram feitos por enxadões.

HISTÓRIA DE CONFLITOS

Depois de anos, apareceram os primeiros automóveis na região, mas eram de alguns fazendeiros que começavam a rondar o território, fazendeiros esses que, em determinadas partes, queriam tomar o território. Esse período foi muito tenso, até porque muitos moradores recebiam ameaças de morte. Às vezes, passavam a noite em claro na incerteza do que havia por vir, e por se tratar de histórias de sofrimento, é uma passagem bem delicada para os moradores, e quase não são relatadas por nenhum deles. Porém, existiram muitos conflitos por questão de terra. Lembro que nas poucas conversas sobre tal assunto relatou-se com muita propriedade as noites mal dormidas e dias mal passados, como a estrada só tinha uma entrada e uma saída, usavam como estratégia esse ponto.

Houve uma história em que certa vez um fazendeiro prometeu matar o mais velho do povo que, por consequência, era o líder da comunidade. E nisso, seus filhos e netos ainda adolescentes passaram a ficar atentos na espera do pior acontecer: montaram campana no decorrer da estrada com suas armas e coragem e passaram horas e horas sem se alimentar e sem hora de voltar, deixando nas casas apenas mulheres e crianças, por saber que apenas os homens estavam jurados de morte. Pelo que sei os jagunços não apareceram, imagino que pensaram na emboscada dos jovens ou outro motivo semelhante.



CULTURA

Começando pelas casas de festa, já que na tradição local se diz que “precisa ter pelo menos uma folha de coqueiro, alguma coisa verde, natural, senão os santos não gostam”, lembrando que até nos dias atuais, muitas famílias desse território ainda vivem em casas feitas de barro ou até de palha mesmo. Uma dessas tantas pessoas, por sinal, é meu avô Francisco Sales, um dos capelões e cantadores mais conhecidos da redondeza, pois onde tem festas ou rezas é um dos primeiros a ser chamado para estar presente.



ARTESANATO

Nas imagens abaixo é possível entender mais um pouco sobre o apá, uma ferramenta bastante usada no processo de separar alimentos que possuem a casca leve. No exemplo da foto, está a preparação do arroz que, quando chega da roça, passa a ser socado no pilão e separado no apá. O feijão não precisa passar pelo pilão, porém usa-se o apá para a separação dos grãos e das cascas.



Fotos: Preparação do arroz.



Além de apá e peneira, ainda existem outros artesanatos, como as panelas de barro, feitas das argilas encontradas próximas ao rio ou córregos nas redondezas. A fabricação desses utensílios de barro começa por um processo bem importante, que é encontrar uma argila ou barro com qualidade boa, porque precisam suportar temperaturas extremas. Argilas sem qualidade não suportam essas situações e acabam por quebrar antes do fim do processo. Quando essa argila é encontrada passa pelo processo de moldagem no qual ganha a forma dos objetos, e logo depois vai para a secagem onde, na fase final, passa até pelo fogo.

VIVÊNCIAS

A ESCOLHA DO TERRITÓRIO

Ainda sobre culturas e tradições entro, então, no modo de vida no território, considerando que existem traços muito fortes dos antepassados. Estima-se que a comunidade tenha mais de 200 anos de existência, levando em conta os primeiros relatos. Ao adentrar no território percebe-se que, possivelmente, foi escolhido por pessoas que fugiam da escravidão, pois há uma topografia estratégica para se refugiar. Trata-se de uma área distante de tudo e que tem um relevo bem interessante, com uma única saída e entrada, mesmo hoje em dia, com acesso para automóveis e outros meios de locomoção. Uma região cortada por um rio, o Rio Jauquara, responsável pela sobrevivência da comunidade, já que, na maioria das vezes, os habitantes encontram ali os meios de se alimentar e de sobreviver – seja através de peixes, caças e até mesmo das roças, considerando que são feitas perto de rio, devido a riqueza da terra nesses locais.



PESCA E TUCUM

Vale lembrar que a cultura do plantio, pesca e caça vem sendo aprimorada desde os primeiros habitantes, já que, naquela época, a acessibilidade a instrumentos era muito escassa.

Antigamente, as linhas de pesca eram feitas de fibras de algumas palmeiras ou coqueiros nativos. Um tipo bem conhecido na região é o tucum ou tucunzeiro, que se trata de uma palmeira que tem como característica ter o tronco repleto de espinhos. A partir desse coqueiro, vários outros objetos eram produzidos: para se ter ideia, até mesmo as cordas de antigamente eram feitas através das fibras de tucum; na pesca do jaú e outros peixes maiores, as linhas eram feitas na espessura de uma pequena corda, às vezes como o peixe era muito grande, os pescadores deixavam amarrados em árvores e voltavam para casa atrás de companheiros para retirar, e a corda de tucum suportava muito bem. Essa prática foi desaparecendo devido a outros meios que chegaram: as linhas passaram a ser transparentes, mais finas e com menor trabalho de aquisição; os peixes passaram a ser mais ariscos, e nos dias atuais essas práticas já não são mais vistas nas comunidades.

A prática de pescaria é uma das primeiras e mais importantes atividades de sobrevivência, trazendo à memória gerações e gerações. Nas conversas com meu avô, ouvi muito falar dessa prática e o que mais me vem à memória é a forma como era praticada, já que não tinha linha como essas que se vende na atualidade. Para a pescaria, se aprendia que desde muito cedo precisavam se virar de alguma forma, o jeito mais sábio encontrado foi através das fibras de coqueiro tucum e de plantas super resistentes, essas fibras



eram muito interessantes já que em todo lugar tem Tucum e não arrebenta fácil – aguentava todo tipo de peixe, principalmente pacu e jaú que são os mais difíceis de se tirar. Houve relatos que teve jaú que precisou de mais ou menos 3 dias para conseguir tirar das águas, nem tanto pelo tamanho, mas pela robustez do animal. O jaú tem como peculiaridade ter “locas”, que são locais onde ficam deitados normalmente, embaixo de pedras enormes ou até mesmo de pequenas cavernas subaquáticas. Quando chegavam nas locas, os jaús não saíam por nada, é como se usassem as nadadeiras para fixar em fendas de pedras e assim ganhar resistência para voltar às superfícies. Os pescadores em si, quando notavam que chegaram a tal ponto, para não cortar a linha de tucum e não perder a pesca, amarravam nas árvores próximas e buscavam ajuda para retirar, por isso a demora de vários dias. As pescas grandes eram partilhadas para várias famílias. As iscas na pesca de jaú eram compostas de peixes e até mesmo de pequenos animais, como coe-

lhos, entre outros. Existiam peixes muito grandes, de fato, até maior que uma pessoa de altura mediana, e a pescaria era passada desde muito cedo para as crianças, já que não podiam deixar em casa e os levavam para essas atividades. Os meninos acompanhavam os pais e as meninas as mães. Na verdade, enquanto os homens realizavam outras atividades, as mulheres sempre estavam perto ou nas pescarias. Outra forma de pescaria é a com Juquiá ou manzuá, uma espécie de gaiola usada nas pescas, no qual o peixe entra e não consegue sair devido a sua anatomia que consiste em ser redonda, comprida, feita por taquara ou tabocas, e na entrada como se fosse funil com pequenos espetos virada para dentro, dessa forma qualquer peixe que entra não consegue sair dentro do juquiá, e era colocado iscas para atrair esses peixes. Através dos tempos, várias formas de pescar foram realizadas, mas nos dias atuais, a tradicional pesca em cevas e pesca de sonda são as mais utilizadas. Enquanto uns pescam, outros estão se banhando no rio, ou fazendo outras atividades.

Quando verde, possui água no interior dos coquinhos, as características desse líquido é ser transparente, levemente azedo e com um cheiro não muito forte. Quando está em processo de amadurecimento é possível se alimentar de seus coquinhos já que há uma transformação de água em polpa mais densa. Quando maduro sua casca também funciona como alimento por ser uma massa doce e cheia de pequenas fibras. Normalmente, essa palmeira é encontrada nos lugares úmidos, em solos arenosos e de baixa fertilidade, serve como alimento não só para seres humanos, mas para outros tipos de animais, como a cutia e até mesmo de peixes como as piraputangas, que gostam muito desse tipo de alimento. O tucum também é usado no artesanato, afinal o anel de tucum é um produto muito conhecido em alguns estados brasileiros.

CAÇA COM BODOQUE

As atividades de caças eram feitas para sobrevivência e não por esporte. Eles usavam uma espécie de arco, chamado na região de bodoque. É uma ferramenta que funciona como estilingue, feita a partir de uma palmeira muito escassa e quase impenetrável, que tem a característica de ser coberta de espinhos. Por ser tão forte, para conseguir fazer o arco, ou bodoque, é necessário queimar a palmeira e usar uma faca ou ferramenta bem resistente, pois assim como os espinhos as fibras dessa palmeira são quase inquebráveis. O bodoque é feito através da palmeira e de linhas muito grossas, amarradas paralelamente. Simplificando: o que difere o bodoque do arco de flecha é a madeira e a forma como são usadas. Essa tradição possivelmente foi herdada dos indígenas, já que eram pessoas que dominavam muito bem essas técnicas e também foram escravizados junto com os negros.





AS ROÇAS

Passando pela pesca e caça, entramos nas partes das roças feitas em lugares próximos a rios e córregos, onde o solo é bastante fértil. As roças eram feitas de forma braçal, usando machados, enxadas, facões, foices e outras ferramentas. Os nativos só desmatavam a área necessária para plantio da comida necessária à sobrevivência da família, do mesmo modo as pescas e caças eram feitas apenas para o consumo e sobrevivência. Ressaltando que, naquela época, as roças eram feitas muito longe das casas, basicamente onde encontravam terrenos com características muito boas para plantios. Eram [realizadas] de forma comunitária, ou seja, todos os moradores faziam no mesmo lugar e dividiam tarefas para manter a plantação. Foi nessa época que começou os muchiruns e outros tipos de trabalhos comunitários.

Os homens partiam de suas casas e ficavam por longos períodos nas roças e ranchos, deixando em casa mulheres e crianças por dias e dias. Nesse caso, as mulheres e crianças passavam a fazer visitas diárias para seus esposos, atravessando rios e matas fechadas. As tarefas eram todas braçais e bem divididas para que ninguém levasse vantagens sobre os outros. As casas eram feitas todas ao redor de outras estrategicamente, como citado nos textos acima, essa questão de casas juntas, creio eu que um pouco é pelo fato que só moravam parentes muito próximos e também questão de proteção, até porque só existia uma entrada e saída e todos se ajudavam nas atividades. Esse modo de vida mais livre passou por anos e anos até que houve as repartições de lotes e cada um escolheu onde morar. No entanto, os traços de união e respeito sobrevivem até nos dias atuais.

Os plantios e limpeza da área eram feitos sem uso de agrotóxico ou algo do tipo. Mesmo quando essa forma de trabalhar nas roças foi apresentada às pessoas do local, houve uma resistência, já que esses “defensivos agrícolas” acabam por degradar o solo de alguma forma e, mesmo sendo o método supostamente mais fácil de limpeza ou de defesa de pragas, não era uma tecnologia boa para os habitantes, já que as roças eram apenas formas de sobrevivência e não de produção para comércio. Acredita-se até que as pessoas que viveram no território antigamente tinham a expectativa de vida mais longa, já que não tinham contato com nenhum tipo de veneno. Dessas roças saíam feijão, arroz, milho, cana, abóbora, melancia, quiabo, mandioca, banana, maxixe, batatas, carás, entre outras raízes e plantas, lembrando que essas plantações são dosadas conforme a época do ano, já que algumas plantas são adaptadas à estiagem e outras nem tanto, praticamente como se fosse um ciclo de plantações e a terra estava o tempo todo em manutenção, continuando a ser fértil e a dar bons frutos.

Essas atividades estão presentes nos dias atuais praticamente com a mesma forma de plantio, feito por fases de luas e épocas de cheias ou estiagem. Uma regra que todos usavam e usam é um calendário de plantação e colheita. Através da colheita nota-se que é imensa a utilidade de toda plantação. Neste aspecto, exalto alguns produtos obtido através do milho e da mandioca.

Começo pela época em que a plantação do milho é o foco dos moradores. Ainda na fase verde, em processo de amadurecimento, as espigas são colhidas para fazer pamonhas, curais e outros diversos derivados. A pamonha, até tempos atrás, era feita na folha de caité, planta encontrada normalmente em lugares úmidos de matas fechadas ou perto de rios e córregos. Essa planta de porte pequeno possui folhagens lisas anatômicas à forma da pamonha e de fácil manipulação, sem alterar o sabor do produto. Essa planta também deu nome a vários locais de caças e pequenos córregos das redondezas, não apenas do território em si. Nos dias atuais, consegue-se perceber que existem algumas comunidades com o nome de caité ou caitézinho. Antigamente, na produção de pamonha e bolo de milho assado, usavam muito o caité, folha de bananeira e a palha verde das espigas de milho, porém essas palhas precisavam de maior cuidado e manipulação para chegar ao resultado esperado.

Nessa fase, o cural também era uma forma de aproveitar a colheita. Não me esquecendo dos bolos deliciosos de milho, feitos apenas do processo em que se rala o milho e depois se frita ou assa essa massa com algumas especiarias. Das espigas também se consegue fazer farinha, lembrando que, conforme o processo de amadurecimento avança, várias outras utilidades aparecem até chegar ao amadurecimento completo, onde consegue-se poucas coisas da espiga, usan-



do seus grãos para alimentação das galinhas, usada para caças, também em formas de iscas e para fazer cevas.

As cevas, para muitos que não conhecem, é um local fixo comparado ao da “espera”. Porém, é muito normal essa prática nas pescarias, exemplificando: todos os dias em um certo horário as pessoas partem para o rio e levam algum tipo de alimento para os peixes. Esses mantimentos consistem em farelos, mandiocas ou milhos triturados, entre outros, com intuito de acostumar os peixes a comer nesse lugar nesse certo horário. Esses locais são geralmente lugares bem fundos e de fácil acesso, logo que se joga mantimentos, as pessoas começam a pescar todos os dias e jogar mais alimentos. Tal prática é usada há muito tempo, já que implica diretamente na sobrevivência.

Já da mandioca o principal uso é como farinha, conseguida através de um processo bem complexo, passando da plantação, descasque, lavagem, trituração (normalmente feita manualmente, onde a raiz é passada por raladores ar-

tesanais feitos de um pedaço de madeira e metal furado), depois é levada para prensa onde sai a parte líquida da massa. Nesse processo também se tira a fécula ou polvilho de mandioca. Épocas atrás, essa massa era prensada no “sucuri”, uma estrutura cilíndrica comprida como se fosse uma sucuri mesmo. À medida que a massa ia perdendo líquido, essa estrutura passava a diminuir sua largura e aumentar seu comprimento, pois uma das extremidades era amarrada no tronco e outra de alguma forma era puxada, seja por pesos ou por pessoas mesmo.

Nos dias de hoje, quase não se vê mais essa forma de secar a massa. Costuma-se usar mais as prensas feitas através de uma abertura em árvore. Normalmente, existem árvores que tem uma espécie de forquilha, próximo ao chão e em forma de “V”. Coloca-se em um determinado local um pedaço de tronco que cabe apenas em uma das extremidades do tronco. Ao decorrer do seu comprimento são colocadas pedras ou madeiras para ganhar peso e, próximo à forquilha, é colocado um latão cheio de massa de mandioca, que é separada em pequenas quantidades enroladas em sacos e colocadas no latão até enchê-lo. Na boca desses latões usa-se um pedaço de árvore chamado de “queijo”, por ter a forma circular de um queijo. O latão fica embaixo do tronco e do “queijo” e, na medida em que o líquido se separa da massa, o tronco e o queijo vão baixando até chegar ao limite, passando por esse processo a massa é desimprensada e passa para um recipiente onde vai ser socada com “mão de pilão” até chegar à fase em que se consegue peneirar. Só então passa para o forno, que é o processo em que a farinha passa a ser uma massa comível e saborosa. Através da massa semi seca também consegue-se fazer o beiju.

Essa farinha é a mais conhecida, porém, existem outras formas de fazer outros tipos de farinhas, como, por exemplo,

a “farinha de puba”. Para fazê-la, aproveita-se as menores raízes de mandioca que sobraram da farinha convencional mas, ao invés de ralar, essas raízes são lavadas e colocadas em recipientes com água, e deixada por vários dias até fermentar e ficar de forma que possam ser manipuladas com as mãos. O processo é simples: retirar as mandiocas dos recipientes descartando as águas, lembrando que essas águas são trocadas diariamente; espreme-se essas mandiocas na própria mão e as coloca em um saco onde uma das extremidades fica amarrada no tronco e, na outra, a pessoa começa a torcer fazendo com que a mandioca perca toda a água. Retirada do saco essa massa já vai para o sol e fica até secar. Depois essa massa vai para o forno e começa a parte final, como na convencional. Essas massas são torradas até chegar à forma crocante totalmente sem líquido em sua composição. A “farinha de puba”, por ser fermentada em seu processo de fabricação, tem o gosto e o cheiro mais forte, é consumida muito com leite nos cafés de manhã ou “quebra torto”, que é a primeira refeição do dia, rápida, porém vigorosa, normalmente feita nas formas de farofas de ovo ou de carne de animais, e sarapatel e chouriços, acompanhado com bananas, seja frita, assada, cozida ou sem nenhum outro processo. Geralmente todos os dias, antes das atividades matinais, é feito o quebra torto

Trazemos ainda, para quem não conhece, o chouriço que é feito através do sangue e tripas de porco. Seu processo varia desde o manejo com a tripa que precisa ser inflada amarrada as extremidades e colocadas nos varais de secagem, passando para o sangue que é preparado com várias especiarias e açúcar, depois colocado nas tripas na forma de salames ou outros embutidos, e cozido até que chegue ao ponto necessário.

MULHERES FAZIAM AS ROUPAS

Lembro que, de acordo com os comentários das pessoas, antigamente até os modos de se vestir eram muito complexos. Compravam uma certa quantidade de metros de tecidos e dentro da comunidade, as mulheres exerciam a função de costureiras e fabricavam suas peças ali mesmo. As mulheres cuidavam da costura, da casa, das crianças e faziam todo o preparo dos alimentos, já que os homens passavam a maior parte do tempo nas roças, pescarias e caças, e os alimentos normalmente chegavam sem manuseio. Além dessas atividades, as mulheres exerciam tarefas similares às de homens como ajudar nas roças e levar as colheitas para casa. Nos relatos que ouvi, as mulheres eram tão fortes que passavam diversas vezes por dia com sacas de mandioca e bananas nos rios a nado, tarefa nada fácil, já que existem trechos dos rios que eram bem fundos. Nas roças muitas das vezes ajudavam a capinar e cuidar dos terrenos de plantio, e depois partiam para as pescarias.





Nas épocas de *poaias*, planta cultivada anos atrás, os homens precisavam sair para o trabalho e normalmente ficavam até 6 meses longe de casa deixando mulheres e filhos para trás. As mulheres ficavam responsáveis por todas as atividades, desde roças até caças, eram tempos difíceis, pois precisavam ensinar seus filhos o mais rápido possível, por mais que seja comentado pouco sobre essas questões, as mulheres já faziam papéis extremamente importantes. No entanto, no decorrer dos anos, passaram a ganhar cada vez mais liderança. Atualmente, se passar pelo território, em vários locais tem uma líder mulher, seja na escola como diretoras ou coordenadoras etc., na saúde como agente de saúde ou mesmo nas atividades diárias que muitas lideram.

MUCHIRUM

Havia os chamados “muchirum”, na língua popular conhecido como mutirão, que os residentes usavam muito nas formas de limpeza das roças, bater feijão e no processo de descascar arroz. Os muchiruns eram feitos em qualquer época do ano, normalmente quando havia necessidade logo era realizado. Seu propósito era dividir a carga dos trabalhos braçais, nos dias atuais é raramente usado, já que com a chegada de máquinas, facilitou bastante a lida na roça, sem falar que com a demarcação de terra, as famílias se distanciaram um pouco. Quando aconteciam esses eventos, havia uma espécie de convite de pessoa em pessoa, normalmente uma vai passando para outra até que formam um grupo interessante de começar. Então definiam o dia e a hora, considerando que tem épocas em que o calor é muito intenso, costumavam chegar por volta das 5 horas ou até mais cedo, logo se alimentavam com o quebra torto e partiam para roça. As refeições eram feitas nas casas dos autores do muchirum, às vezes matavam porcos e galinhas para os trabalhadores. Chegando nas roças as atividades eram divididas em tarefas, que nada mais é que divisões de pedaços em pedaços, medidos por uma vara de aproximadamente 2 metros e 20 centímetros, a cada medida da vara chama-se braças. Os pedaços divididos costumam ter de 10, 12, ou 25 de ambos os lados, ou seja uma forma quadrada, traçavam metas e as realizavam. O costume de dividir as tarefas ainda são frequentemente usadas. O muchirum foi perdendo força através dos tempos. Nos dias atuais é perceptível nas pequenas tarefas, como nas manutenções de rede de água e estradas, nas construções de eventos como festa de santo, torneios e festas extraordinárias, mas raramente são realizadas em roças, já que com o tempo a lida começou a ser menos braçal. Porém, em várias famílias ainda os utilizam,



como contextualizado, é uma verdadeira troca de favor, pois a única recompensa é a garantia que todos serão ajudados – trabalho de irmandade mesmo (“você me ajuda agora que eu e meus parente te ajudaremos logo mais”). No entanto, sem obrigação alguma, apenas pelo bom senso, até porque ano que vem ou mês que vem a necessidade de ajuda volta a ser cogitada.



O RESPEITO E A HOSPITALIDADE DO VÃO GRANDE

As pessoas que residem ali tem como particularidade o jeito humilde de levar a vida. Em todo lugar no qual você chega sempre será bem recebido, seja pelo mais velho ou pelo mais novo da família. Enfim, o respeito também vem de geração em geração, presente nas atitudes em si. Uma das maiores provas disso, passada por gerações, é o modo de “pedir bênção”, respondida em “Deus que te abençoe e Deus que te faça feliz”; parece simples, mas de significado imenso, até porque o pedido de bênção não se resume apenas às pessoas da família, mas se estende aos padrinhos e madrinhas, às pessoas mais velhas e vários outros fatores. Nos cumprimentos diários de bom dia, boa tarde ou boa noite, e na forma de agradecer algo, muitas vezes respondido em “por nada, ou em Deus lhe pague”. E não há como se esquecer da hospitalidade que é um dos pontos mais fortes, já que não existe diferença nas comunidades, todo mundo é tratado igual, como se fosse da família mesmo. São esses pequenos gestos que fazem o sítio ser um lugar memorável.

AS CASAS

Algumas pessoas ainda residem em casas feitas com barro e palhas, que têm uma característica bem interessante, como se fossem uma espécie de inversão de temperatura, pois quando faz calor, dentro delas esse calor tem uma recaída. Quando faz frio, dentro delas esse calor aumenta. Claro que não se trata de uma inversão absurda, mas é notável essa característica. Em algumas casas ainda é possível encontrar potes e até mesmo panelas de barro. No caso dos potes, a água também sofre uma pequena queda de temperatura, que se mantém mesmo quando está mais calor fora.



CONTOS, CAUÇOS, LENDAS E MITOS

Se tratando de temas como contos, causos, lendas ou mitos, o território, por ser muito ligado à espiritualidade, e possui uma história bem grande. Ao longo de toda minha vivência na comunidade, nas rodas de conversas, sempre surgiam contos envolvendo criaturas desconhecidas e coisas inexplicáveis para muitas pessoas, mas que para os residentes são coisas que realmente aconteceram e ou acontecem até nos dias atuais, porém com menos frequência. Acredito que essas passagens se deram devido a natureza da época que se constituía de muita mata fechada e de difícil acesso, lugar que serviu de refúgio para muitos negros e índios escravizados nas redondezas.

Algumas das histórias relatadas são de arrepiar os cabelos e outras nem tanto, já que segundo os moradores nem todo acontecimento era para fazer medo e sim para acrescentar algo. Qual o por quê disso? Bom, como explicação espiritual, muitos dos antecedentes tiveram uma morte trágica ou deixaram bens materiais no local, contudo acredita-se que essas almas precisavam se desvincular desse plano e para que esse fenômeno ocorra é preciso que as almas aceitem que já não fazem mais parte deste mundo e/ou até mesmo se desfazer dos bens materiais. No entanto, é como se fossem uma forma de amadurecimento na vida após a morte.

Bom... essa parte descrita aparecerá em muitas das rezas e orações nativas e reescritas nas páginas seguintes deste relato, mas em se tratando destas estórias, a maioria de contos que se consegue ouvir são referentes a pessoas que tiveram sonho com pessoas que estão mortas e que, nesses sonhos, as almas descreviam lugares com objetos escondidos que, de certa forma, eram valiosas e que precisavam ser entregues a alguém para que pudessem descansar em paz e então se desvincular deste plano carnal. Esses objetos constituam-se de moedas guardadas, vasilhas e talhas, e

até mesmo pequenas quantidades de metais e/ou pedras preciosas, já que naquela época praticamente o Brasil inteiro era uma espécie de indústria de tais objetos. No entanto, muitos negros e índios escravizados que conseguiam fugir, conseguiam levar quantias de ouro ou pedras preciosas de quaisquer forma possível, os quais eram transformados em algo tão logo chegavam aos lugares de quilombos, e muitos eram escondidos em lugares estratégicos, uma forma de guardar e usar quando precisar. Algumas peças eram passadas por gerações e gerações, algumas de mão em mão, e outras através de sonhos e até mesmo aparições, no entanto normalmente quando esses fenômenos aconteciam, existia uma espécie de troca entre o remetente e o receptor, algo como “seu objeto está lá, mas não vá acompanhado”, ou pedia que fosse acompanhado mas com alguém específico, primo, irmão ou amigo, porém havia algumas especificações, tais como “compartilhar o valor ou objeto com o acompanhante”. Há relatos que muitas pessoas tiveram essas oportunidades e não conseguiram pegar nada, devido a muitos serem egoístas e, talvez, falta de coragem mesmo. Contextualizando: algumas pessoas escolhidas, antes de chegar



no lugar, já começavam a pensar em pegar a recompensa só para ver ou ficar com mais da metade, e normalmente quando chegavam no lugar não encontravam nada ou... até encontravam, mas algo não agradável, ou seja, como forma de castigo encontravam alguma espécie de animal perigoso no lugar ou qualquer coisa que os assustavam; e, por incrível que pareça, os remetentes apareciam no sonho ou em aparições e falavam o motivo pelo qual não conseguiram pegar as recompensas. Claro que, no decorrer do tempo, algumas pessoas devem ter conseguido algo, porém fica aquela pergunta: “se você encontrar algo valioso, conta para todo mundo e assume o risco de que algo de ruim aconteça com você ou alguém próximo”? Bom, acho pouco provável que alguém assumiria esse risco, porém, se era algo que tinha o poder de desligar um ser de um plano, digamos que talvez esses bens preciosos, tanto faz se valores econômicos quanto pessoal, de alguma forma deveria não existir mais, já que fica bem duvidoso que se a pessoa acabasse morrendo com esses objetos em seu poder não aconteceria o mesmo com sua alma. Por isso, em alguns relatos, consegue-se perceber que muitos desses objetos eram vendidos, trocados com mercadores ou até mesmo destruídos, acabando assim com a sucessiva passagem para outras gerações. Portanto, passando um pouco por essa época, existiam outras formas de aparições, exemplo muito citado é um fenômeno que tempos atrás era visto frequentemente: trata-se de uma bola de luz ou fogo que geralmente aparecia a uma distância média e que ia aumentando ao se aproximar do indivíduo, porém quando chegava perto simplesmente desaparecia, deixando várias pessoas curiosas sobre o que de fato havia acontecido. Tais aparições, ao contrário de outra citada, geralmente apareciam para grupos de pessoas que estariam indo ou voltando de festas, caças, pescas e/ou até mesmo de atividades aleatórias.

CRIATURAS ENCANTADAS

Ainda temos muito a dizer sobre criaturas lendárias que existiam no território: lobisomem, porco espinho, pé de garrafa, minhocão, entre outros. Passamos a tratar das características destas criaturas místicas, tomando como base relatos de moradores do próprio sítio, mas também de pessoas de territórios próximos.

O **lobisomem**, como muitos já sabem, é uma pessoa normalmente masculina que se transforma em uma forma de lobo, porém maior e medonha. Segundo relatos é uma criatura peluda, maior que os lobos, com cheiro muito forte, que tem a mão colada na orelha e que se transforma à meia-noite. Diferente do que é relatado nas lendas, essa criatura não se transforma apenas na virada de quinta para sexta-feira, mas sim por épocas. No território, segundo algumas pessoas, toda vez que matavam animais e deixavam seus restos mortais no local, o **lobisomem** sempre aparecia, não importava o dia da semana. Na ausência de restos mortais essa criatura passava por poleiros e currais para rolar e comer fezes e/ou algo do tipo. Segundo a lenda, quem tentasse matá-lo e apenas o feria, a vingança era a morte, já que essa criatura era considerada “encantada” e não podia revelar sua identidade, tanto é que ninguém conseguia ver o rosto.

Sobre o **pé de garrafa**: trata-se de uma criatura que possui apenas um pé com formato de garrafa e tem o corpo coberto de pêlos, como se fosse de arame impenetrável, sendo que sua maior fraqueza é sua casa, por se tratar de uma árvore onde repousa. Como só tem um pé, se a derrubar, derrubará a criatura também. No entanto, quem conseguir ver o rosto dessa criatura, acaba ficando louco, sem rumo! Acredita-se que se locomove através de pulos e gritando que



está perdido, por se tratar também de alma perdida sem destino. Em uma história, que chega a ser engraçada, um certo jovem ficou perdido na mata enquanto foi caçar para sobrevivência e, nisto, começou a ouvir gritos que saíam da mata fechada em meio a escuridão, gritos esses que a cada vez que se ouviu se aproximava rapidamente. Diante dessa situação, esse jovem teve a brilhante ideia de começar a responder os gritos com outros gritos também. No entanto, ao invés de chamar a criatura, sua resposta consistia em “estou mais perdido ainda” e, a cada vez que a criatura gritava que estava perdida, ele o respondia com essa frase. Conclusão da história: conseguiu encontrar o caminho de volta e espantar a criatura, pois se uma alma perdida encontra outra mais perdida ainda, naturalmente não é uma coisa boa.

O chamado **porco espinho**: trata-se de uma porca cheia de leitões que sempre aparecia em encruzilhadas e que, ao deparar com pessoas, se transformava em coisas piores.

O **minhocão** é uma criatura mística que mora em lugares muito fundo nos rios, lugares esses que são fundos e grandes devido ao próprio minhocão. Sua característica principal é ser um animal muito grande que não costuma aparecer, exceto quando muda sua moradia ou quando não gosta

dos pescadores ou pessoas que passam perto de seu lugar de refúgio. Segundo relatos, essa criatura consegue sugar pessoas que ficam nos barrancos de rios e/ou que, de alguma forma, os incomoda. Ainda sobre alguns relatos, quando visto, é como se fosse uma canoa virada, e tem como maior defesa assustar pescadores, fazendo com que lugares profundos pareçam uma água fervente, levantando folhas secas do fundo do rio e fazendo ondas no determinado lugar, ondas essas que variam de altura e com muita violência de um lado para o outro nos barrancos. É certamente uma das criaturas mais místicas, já que a maioria dos pescadores já presenciaram fenômenos como esses. Além do mais, quando essa fera aquática muda de lugar e onde era profundidade se torna em um lugar muito raso onde pode-se até andar. Além do minhocão, há muitos outros seres aquáticos, que para os nativos são os guardiões do rio e que até nos dias atuais são levados com muito respeito, **já que o rio é praticamente a razão de toda a existência da comunidade.**

EXPLICAÇÕES PARA O SUMIÇO DAS CRIATURAS

A aparição de criaturas místicas ou encantadas aconteceu muito em gerações anteriores. Nas gerações atuais houve relatos da existência de algumas, no entanto, com a evolução de praticamente tudo, com o aumento da população, o desmatamento, a chegada de automóveis, energia elétrica, e vários outros fatores – incluindo a própria questão espiritual – como **as rezas e orações que aumentaram conforme os tempos foram mudando.**

É importante destacar que as comunidades sempre foram muito ligadas à religião, logo sempre houve rezas e ora-

ções. No entanto, com o passar dos anos, as práticas de rezas foram aumentando. Considere-se ainda que, naquele tempo, as crenças eram várias, não se tratando apenas as que existem atualmente na região – o catolicismo e as protestantes ou evangélicas, como é mais conhecida. Naquela época, as religiões eram outras já que a maioria das pessoas escravizadas eram do continente africano, saliento poderiam ser outras, como as de umbanda e as demais nativas da África que, por se tratar de credos, tem uma infinidade de opções. Com a chegada da Igreja Católica essas crenças foram apenas deixando traços e traços. Tanto é que na ladainha existem palavras que de princípio são difíceis de entender, e a ligação dos nativos com a natureza da região é imensa, costumes e crenças que foram apenas herdadas de índios e africanos, e de alguma forma fizeram com que esses fenômenos e criaturas diminuíssem ou até mesmo se refugiassem em algum lugar inabitável, longe de humanos ou com menos contatos com os mesmos.

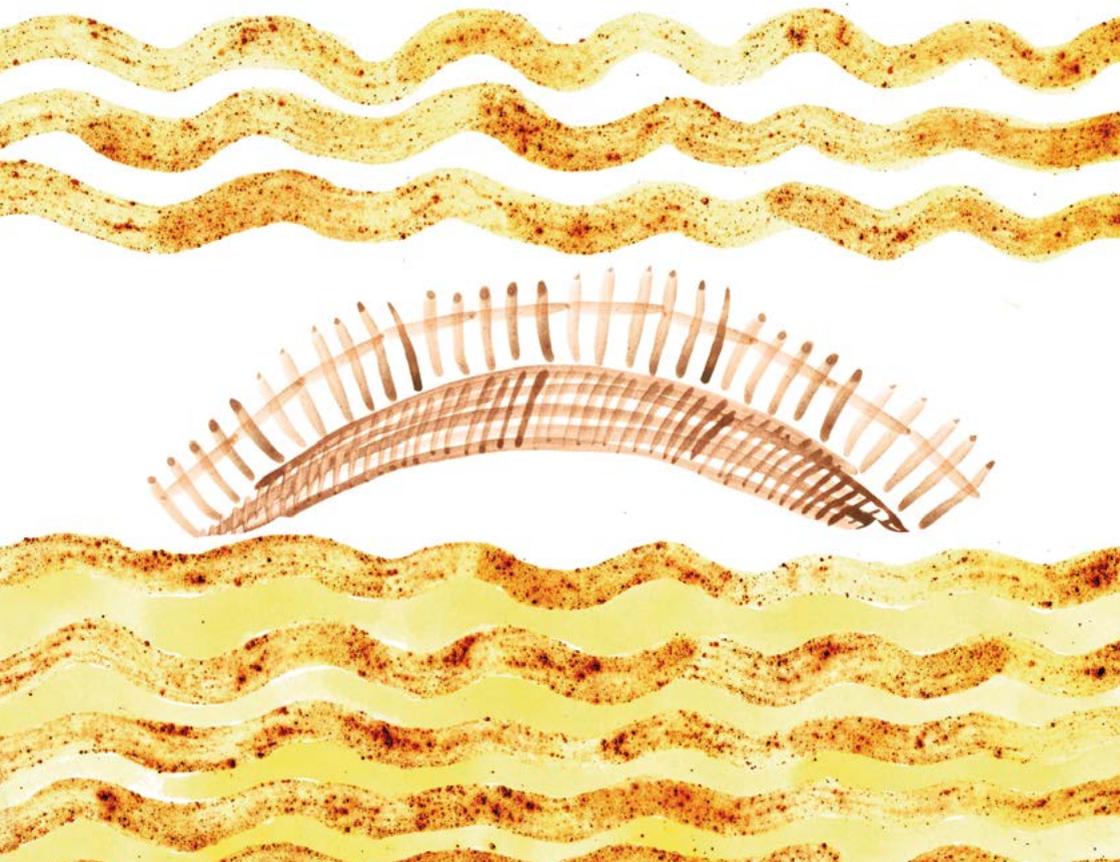
Bom, são histórias ligadas a diferentes partes da natureza, como se pode notar. Criaturas aquáticas, terrestres e de outros elementos, que quando sentiam que a natureza estava em perigo, de alguma forma conseguiam espantar os curiosos, seja nas aparições ou em formas de sinais. As pessoas com as quais tive contatos, afirmam e reafirmam que algo aconteceu e que aos poucos isso foi mudando. Infelizmente, não só essas criaturas foram sendo extintas, mas os peixes, animais e aves também entraram nessa lista, devido a ação humana. Mas será que realmente foram extintos? Fica a dúvida, já que os moradores creem que esses fenômenos acontecem em épocas aleatórias no decorrer do tempo. E se a natureza estivesse apenas passando uma mensagem? Basta lembrar que ela sempre se adapta às situações e já passou por coisas semelhantes. Mas e os seres humanos, conseguem ser adaptáveis o suficiente?

O RIO E SUA IMPORTÂNCIA

Descrevendo um dos bens mais valiosos do território Vão Grande e região, o rio Jauquara, nasce com pequenas minas, em um solo pantanoso, cheio de vida e muito sagrado, passa por inúmeras montanhas e serras, alimenta inúmeras pessoas no decorrer de sua trajetória que começa em um município muito além do Vão Grande, passando por várias outras comunidades dependentes diretas dessa dádiva de Deus, e deságua no rio Paraguai. Comunidades essas que ajudam na preservação a dezenas ou até centenas de anos, onde gerações e gerações conseguiram sobreviver e se adaptar. Em se tratando da trajetória do rio, tem início em uma comunidade acima do território Vão Grande, é alimentado por vários córregos de pequeno a médio porte, alguns nos tempos de estiagem chegam a secar, outros nem tanto, porém chega à capacidade inferior a 10%. Isso implica diretamente na capacidade do rio, já que com menor quantidade de água nos córregos, o rio acaba ficando absurdamente raso – há lugares em que se consegue passar [andando] praticamente todo nessas épocas. Passamos pelo rio Paraguai até a chegada ao Pantanal mato-grossense, no qual as águas de muitos rios se acumulam tornando-se uma das maiores planícies alagadas, fato que visto por pessoas que não possuem tal conhecimento, passa despercebido. Para chegar ao estado de planície alagada, as águas necessitam da preservação das cabeceiras, riachos, córregos e pequenos rios, pois cada alteração feita neste percurso pode trazer consequências irreparáveis.

Tal característica tem diversas implicações para as comunidades. Um exemplo é o acesso à comunidade Retiro, que vive muitos problemas em função da queda da ponte que dá acesso à comunidade, fato ocorrido anos atrás. Ali, no tempo em que o rio está baixo, é possível passar por água, já que o ponto principal de acesso se trata de uma estreita passarela projetada para pedestre e motocicletas apenas.

Os moradores que possuem automóveis e necessitam ir à cidade nos comércios, deixam seus automóveis em casa de parentes ou conhecidos em comunidades próximas quando é tempo de cheia. Essa prática vem sendo feita desde tempos atrás, considerando que quase sempre, nos primeiros meses do ano, existe o “deita capim”, evento natural quando a cheia é muito forte e os córregos e riachos transbordam, levando uma quantidade imensa de água para o rio, fazendo com que o rio alague vários lugares e roças. Esse fenômeno está cada vez mais escasso e, devido às mudanças climáticas, não tem mais a intensidade de anos anteriores. Normalmente, quando esse fenômeno vem a acontecer, a ponte que não tem uma estrutura adequada para tal situação, acaba a “rodar” com a correnteza forte e intensa.



OS CÓRREGOS

Buscando a importância de cada córrego e minas, salientamos a enorme necessidade que as comunidades têm dos córregos e do rio, já que todos os moradores necessitam da água potável dos córregos para alimentação e outras necessidades básicas.

Um desses córregos, ligado diretamente com esses fatores, é o córrego Matador, de pequeno porte, com inúmeras curvas que garantem sua soberania, água cristalina e mineral, bem gelada por natureza. Esse córrego abastece duas comunidades que possui centenas de pessoas, as de Retiro e as de São Benedito e, para ter uma ideia de quão importante é, de onde sai a água de abastecimento até o último morador percorre-se cerca de 4 a 5 km de distância. Porém essas famílias são muito prejudicadas já que por ser um caminho muito longo e de apenas uma rede de cano, praticamente todo mês a maioria das pessoas passam por dias sem a chegada de água, pois a rede é muito velha e às vezes não suporta a pressão que é exercida com volume da água. No entanto, a comunidade Baixio enfrenta o mesmo problema – às vezes são pequenos roedores que provocam buracos nos canos impedindo que a água chegue com maior fluidez. No entanto, a comunidade Baixio é abastecida por um outro córrego, mas com as mesmas características, e isso acontece em inúmeras comunidades ao decorrer da trajetória do rio.

A importância do rio Jauquara consiste na sobrevivência da natureza nativa, das comunidades, culturas e tradições que compõem essa estrutura em perfeito equilíbrio. Essas comunidades estão preservando a natureza que faz parte de seu dia a dia, sendo que todos dependem diretamente da natureza, seja na pesca, caça ou através dos recursos natu-

rais, seja no abastecimento fluvial ou nas construções de casas que estão em constante evolução. Sendo que, **ocorrendo mínimas alterações no curso do rio, as consequências são visíveis**. Na linguagem dos mais idosos, no decorrer dos tempos, houve inúmeras alterações no curso do rio, passou a ser mais raso, ter menos peixes e várias consequências. Hoje em dia, essa maravilha natural está constantemente ameaçada, seja nas construções de PCHs, no derramamento de agrotóxicos, nas queimadas e derrubadas próximos ao seu percurso e em outras ameaças humanas. **Saliento que mesmo que as comunidades consigam fazer seu trabalho de preservação em seus territórios, acredito que, se em alguma parte do rio houver esses tipos de ações humanas, esses territórios serão os primeiros a sentir as consequências.**

MEMÓRIAS DO RIO

Quando se fala em rio, logo nos traz a lembrança de tempos de criança, pois lá passamos nossa infância aprendendo a pescar e a aproveitar as águas. Nessa época, as mulheres normalmente lavavam louças e roupas nas partes mais rasas dos rios enquanto os homens iam em busca dos alimentos, e algumas crianças acompanhavam as mães e outras os pais. Sempre se reuniam um grupo de mulheres e crianças e partiam para os lugares mais rasos dos rios, usando sempre sabão artesanal ou sabão nas lavagens, sempre usavam uma tábua ou pedra de improvisado para bater as peças de roupas. Normalmente, quando terminavam, logo partiam para pescaria. Enquanto isso, as crianças brincavam e aprendiam novas tarefas do dia a dia. Os homens ou estavam nas cevas, lugar de pescaria, ou estavam nas roças. Esse tipo de comportamento ainda existe nos dias

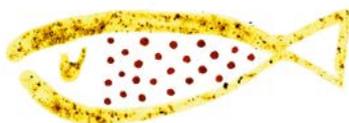
atuais, no entanto com menor frequência, já que a maioria das pessoas possuem água encanada, mesmo que em situação precária, mas que ajuda muito nessas tarefas.

A PESCA

A pesca em si é uma das principais atividades do interior, logo existem algumas modalidades de pescas, começando pela normal, a de cevas, onde tem lugares específicos de pescar onde é jogado farelos e outras coisas para acostumar os peixes, e a pesca de sonda que não tem lugar específico.

Os principais peixes do rio são: piraputanga, piau, curimatá, lambari, o jaú – peixe que há alguns anos sua abundância era tanta, que deu origem ao nome do rio. Há uma infinidade de outras espécies. Destaca-se que as pescas são utilizadas apenas para sobrevivência, e nota-se uma grande diferença nas quantidades de peixes que ao longo do tempo foram desaparecendo devido a atividades prejudiciais dos homens, seja nas partes de cima do rio, seja nas inferioridades, até porque no território, os moradores, desde o princípio, sempre buscaram proteger a natureza, usufruindo dos recursos sem prejudicar muito o meio ambiente.

Ainda sobre as pescas, no território desde os primeiros anos de vida, as pessoas já começam a se acostumar com essa prática. É muito comum encontrar famílias inteiras na beira dos rios.



Lembrando que existem vários tipos de pesca:

- as de cevas que, como já foi dito, são em locais fixos onde se jogam alimentos diariamente para que os peixes acostumem com o local e com a presença de pessoas;
- as de sonda, que nada mais é que pescar aleatoriamente, ou seja, escolher um ponto de partida e seguir até onde conseguir pegar uma quantidade de peixe suficiente para as refeições, essa prática é bem comum, porém são poucas as pessoas que as dominam, pois começa com o estudo sobre o tempo. As pessoas mais experientes conseguem traçar uma pequena previsão se vai haver chuva ou não, lembrando que a lua novamente influencia e muito, o clima também, já que, quanto mais calor, os peixes ficam muitos mais ativos e saem à procura de alimentos. Na pesca de sonda, o pescador precisa encontrar as iscas certas para a pescaria, que consiste em pequenos gafanhotos, entre outros; essas iscas são pegas um dia antes, pois no dia escolhido para a pescaria os pescadores saem muito cedo de casa com tudo pronto, partem para o rio em busca de fruteiras ou figueiras nas beiras de rios onde tem mais peixes. Nessa prática, é importante que o pescador tenha uma coordenação muito afiada, já que não se pode fazer barulhos e nem deixar que os peixes notem sua presença. Logo que avistar alguns peixes boiando em frutas é jogada a linha, se pegar algum peixe é interessante manter a calma e o silêncio. Ou seja, tentar tirar o peixe sem que outros percebam, e assim sucessivamente. Na pescaria de sonda, os peixes que são mais pescados são as piraputangas, por ser mais arisco, ativos e que gostam muitos desses tipos de iscas;
- outra forma de pesca é a de jaú – essa é a mais difícil já que depende muito das cheias. Nesse tempo que os jaús saem de suas origens e começam a jornada de desova ou

simplesmente mudança de casa mesmo, esses peixes vão em busca de lugares profundos e mais acima nos rios. Isso só acontece com as enchentes anuais que existem no território, e também são poucas as pessoas que conseguem pescá-los, a isca mais usada é a minhoca, talvez seja pela cor já que nessa época as águas ficam barrentas

Novamente trazendo que essas técnicas de pescaria são ensinadas para as pessoas desde novas, já crescem sabendo todos os jeitos de conseguir peixes, além das técnicas que já foram ditas existem várias outras, porém menos usadas, envolvendo peixes com menor quantidade nos rios.

Os nativos do território amam trabalhar com pescarias que envolvem apenas linha e anzol, e detestam a pescaria envolvendo redes, tarrafas e flechas, devido ao medo de extinção das espécies. A flecha em si, anos atrás quando não tinha outra opção, era muito usada. Porém, nos dias de hoje passou a ser rejeitada, pois, em alguns casos, os peixes escapam e acabam a sofrer com ferimentos das flechas, sem contar que pessoas de cidades e vilas vizinhas que entram como visitantes na prática dessa pescaria acabam a entrar em cevas e assustar os peixes do lugar. Lembrando que as pescas com flechas praticadas pelos ancestrais eram em lugares rasos e lugares que encontravam cardumes de peixes, além do mais eram praticadas fora das águas. Mas as pescas que envolvem flechas na atualidade, não se usam o arco e flecha, substituindo o arco por estilingues e a flecha por arpão de metal, sem lugar fixo, ou seja, onde as pessoas quisessem entrar elas simplesmente entram com seus óculos de mergulho, uma prática que acabou virando ameaça.

RELIGIÃO

A comunidade possui uma ligação [religiosa] imensa, já que praticamente existe um calendário de festas que começa desde janeiro, com a festa de Santo Reis, e termina com a festa de Santa Luzia, em Dezembro.

A simbologia da “Festa de Santo” tem um significado muito grande para os vão grandenses, já que essas cerimônias só acontecem através de devoções, normalmente quando alguém fica doente, a ponto de os médicos desacreditarem na sua recuperação, ou mesmo quando alguém nasce com problemas muito sérios. Então é feita uma promessa para determinados santos e algumas dessas promessas tem como efeito as “Festas de Santos”, que consistem em preparação, reza (ladainha), cururu, siriri, São Gonçalo, entre outros elementos. Nem todas as promessas chegam a ser pagas com festas, havendo exceções em que são realizadas apenas uma reza.

Cururu e siriri são danças criadas há muito tempo, mas que de certa maneira formavam os bailes das épocas, já que as festas eram movidas a cantorias e lamparinas e, logo depois das rezas, se dançava o siriri. Foi uma das maiores motivações para as gerações se interessarem pela cultura, pois era um dos meios de inclusão dos jovens na sociedade da época. Aliás, vários cantadores de hoje entraram através dessas diversões, que passavam a noite toda. Nos dias atuais ainda se dança muito o cururu e o siriri, e é possível ver vários jovens nas rodas de danças. No entanto, um dos instrumentos que se usava muito, o “mocho”, acabou esquecido no tempo. Era feito através de couro de animal esticado em superfície oca, e fazia parte do trio de violas, ganzás e o próprio mocho.

São Gonçalo é considerado como dança e reza. Mesmo quando a oração de São Gonçalo não é rezada, tendo sido praticada exclusivamente a dança, a força da oração perma-

nece. Em todas as Festas de Santo ou rezas essa dança está presente. Sua origem é incerta, tal como de outras rezas. Foi sendo transmitida de geração para geração. Em seus versos está a história toda do santo que, por sinal, em sua imagem carrega uma viola de cocho, em homenagem aos cantadores.

PREPARAÇÃO DAS FESTAS

A Preparação das Festas tem um formato bem interessante de ser descrito, pois começa muito dias antes da ação final, considerando que o dono da casa sai a convidar os festeiros com uma visita nas comunidades vizinhas e, nessas visitas, começam a arrecadar produtos para ajudar no dia da festa. Normalmente, quem sai com o santo com essas visitas são os donos da casa de festa, algum voluntário, promesseiros ou o empregado chamado de “rei” que, na hierarquia das festas, é como se fosse o empregado com maior peso. Passando essas visitas, começa enfim a preparação para as festas, tendo início com as construções das casas, cozinha, dormitório – geralmente chamado de quarto de armar redes – e casa dos santos. Hoje em dia tem muitas festas que promovem bailes, mas normalmente as casas de bailes já são feitas com antecipação, portanto na linguagem de quem sempre faz as devoções, as casas de santos devem ser feitas perto das festas e de construção bem primitivas, armadas por madeiras nativas e cobertas por palhas de palmeiras ou coqueiros encontradas nos locais com abundância. Geralmente, nas construções, a comunidade inteira participa: os homens nas tarefas que exigem mais força, enquanto as mulheres exercem os trabalhos relativamente menos forçados, não deixando de ser bem importantes, pois fazem as refeições, as prendas que serão leiloadas na festa e, normal-

mente, os bolos feitos, linguiças caseiras preparadas com especiarias e fritos em uma vasilha cheia de óleo, lombos de leitões, pernis e outras partes do animal, todos feitos com várias especiarias e fritos ou assados nos fogões a lenha. Realmente, são prendas com sabores inimagináveis, que só se consegue imaginar provando essas guloseimas. Nessa fase, também são feitos os doces, feitos dos mamões de vez (nomenclatura dada a frutas semi maduras), encontrados normalmente nas roças ou plantações próximas ao rio, algumas até da própria natureza sem interferência do homem, levados por pássaros e outros animais, como a maioria das plantações frutíferas. Chega-se enfim, nos enfeites das casas de santos, feitos com bandeirolas, papéis coloridos cortados em pequenas porções usados na sala toda passando do teto como se fosse um formato de “xis”, tendo uma coroa ao centro. Os altares onde os santos são guardados também são enfeitados com tiras coloridas de papel de seda, dando um visual bem bonito para a sala toda.

Imagem: pesquisador



Depois das construções em si, já nos dias da festa, começa uma espécie de chamamento com fogos, simplificando: a cada vez que um empregado solta o primeiro dos fogos, os outros empregados ao ouvir rapidamente soltam outro, como uma forma de avisar que está atento para a celebração. Esse manifesto acontece quando dá início a preparação das festas, normalmente no dia da festa ainda existe bastante trabalho, já que as construções são finalizadas nesse dia e precisam pegar lenha para estoque da cozinha. A refeição – tanto a janta, o almoço ou o quebra torto – são feitos em fogão a lenha. A refeição do dia normalmente consiste em quebra torto, ou a primeira refeição do dia no linguajar mais popular, geralmente arroz, feijão, farofa de banana ou ovo, banana frita entre outros. Algumas vezes também serve-se o sarapatel, feito das vísceras do boi, depois um almoço normal com arroz, feijão, farinha de mandioca, vaca atolada, entre outros. Logo mais, as pessoas retornam para suas casas para se ajeitar e voltar a festa.

Os empregados são pessoas que ficam responsáveis por alguma parte da festa, tanto na cozinha quanto nas construções, exemplificando mais sobre essa palavra muita vez dita no texto, **para cada santo existem vários empregados passando por rei, rainha, juiz, juíza, capitão de mastro** (a pessoa que fica com a missão de encontrar uma árvore muito comprida e fina que possa sustentar a bandeira dos santos), outros empregados são **alferes de bandeira** (a pessoa que leva a bandeira enfeitada com destaque ao santo de devoção), e por fim, **os promesseiros**, que são as pessoas que, de alguma forma, por intercessão dos santos de devoção, foram curados ou livrados de algo maligno. Todos os empregados saem do emprego levando alimentos e fogos para ajudar na realização do evento.

Quando chega a noite, quando o povo está reunido, já começam com as toadas a serem cantadas até que todos os empregados chegam e que comecem a procissão, acompanhada por todos, que levam consigo santos e velas nas mãos; e os cantores com suas violas de cochos e ganzás, até o mastro que o capitão pegou, enfeitou e preparou para receber a bandeira, que foi enfeitada pelo alferes e, então, é erguida em cantoria e alegria. A bandeira e o mastro possuem um significado muito interessante já que, em se tratando do mastro, antes de ser erguido, é apenas um tronco reto, comprido e fino que foi cortado nas matas fechadas. A partir do momento que é encontrado e limpo ou enfeitado, esse tronco passa a representar uma vela apagada. A bandeira é uma forma de homenagear os santos com muita alegria, presente principalmente nas cores vivas que as enfeitam. Na hora da procissão, quando chega a parte que o mastro é erguido, esses materiais passam a ter um significado muito importante para a festa toda em si. Neste momento, o que era uma vela apagada ou apenas um tronco enfeitado e deitado, passa a ter simbologia de vela acesa, já que o mastro é vela e a bandeira com santo enfeitado passa a ser as chamas dessa vela, lembrando que a todo momento soltam fogos, uma forma de agradecimento.

Logo depois chega a hora da reza, que tem em média 45 minutos de duração, composta de **ladainha, salve rainha, oração do santo padroeiro e oração final** ou **“oração de beijar santo”**. Depois da reza, chega a parte de diversão, porém com muito mais alegria. Nessa hora que entra as danças siriri, cururu e São Gonçalo. Nas festas mais focadas apenas à adoração a Deus por intercessão dos santos, essas danças e rezas vão a noite toda. Mas nas festas mais atualizadas, realiza-se o baile, com som mecânico ou banda ao vivo.

As festas tradicionais normalmente têm dois dias de duração e quando der 7 dias, tem o chamado de desmancho de altar, onde de fato a festa termina, já que no desmancho, os enfeites que foram colocados no altar junto com as chamadas “parmas”, figuras geométricas feitas normalmente de cigarro de palha, essas “parmas” são distribuídas das seguintes maneiras: a cada toada cantada, uma parma é dada a um dos cantores, até que não sobre mais nenhuma no altar. Tais práticas parecem ser sem sentido, mas as Festas de Santos são bem organizadas, considerando que muito tempo atrás a vida era bem mais difícil. Como a maioria dos cantores e festeiros bebiam ou fumavam, essas práticas foram se destacando até chegar ao formato de hoje em dia, nas quais as bebidas estão presentes perto do altar ou em outras partes da sala, o cigarro fica nas “parmas”, e sempre tem almoço, janta ou quebra tortos e lanches – coisas que foram evoluindo conforme a necessidade das pessoas.

Para redigir essa parte do texto, procurei saber de meu avô como ele começou a cantar. Em seu relato, o marco foi uma festa de seu padrinho Marcelino, em um dia 26 de julho, época em que ele tinha 18 anos. As festas eram iluminadas com lamparinas e candeias de azeite, a noite toda era cantoria, apenas devoção mesmo e, para se enturmar com o povo, os jovens precisavam fazer algo e disso partiam a cantar com os mais velhos. No começo, ele relatou sobre sua devoção e como começou a fazer as festas: era feita pelos sogros e logo seu sogro morreu e ficou apenas a sogra e ele continuaram a fazer apenas a reza; antes do falecimento da sogra, tiveram uma conversa em que ela pediu para que continuasse sua reza mesmo que ela morresse. Os filhos não se importaram e, um ano antes do falecimento, meu avô comprou uma “rês”, nome dado a bois, e então começou a fazer a festa que existe até os dias atuais e, ainda segundo meu avô, a festa continua até quando Deus permitir.

AS REZAS

Para tratar das rezas, começemos pelo Capelão, que carrega muito significado já que é responsável por conduzir a reza, tanto como a mais conhecida de todas, que é a ladainha quanto tantas outras, principalmente nos tempos de quaresma.

Quaresma: durante este período, na sexta-feira santa, todos os moradores de suas comunidades fazem uma espécie de procissão, passando de casa em casa até o final, adentrando noites e madrugadas até conseguir rezar na casa de todos moradores, lembrando que cada reza ou oração tem um tempo estimado de 15 a 40 minutos e, pelo menos em um terço desse tempo, existem orações que, por tradição cultural, exigem que as respondedoras e as pessoas presentes fiquem de joelhos, por se tratar de “ser uma reza muito pesada” (ou, em outras palavras, são as que mais te tocam ou tem palavras com mais sentidos).

O Capelão, praticamente em todas as rezas e orações, ministra de joelhos por se tratar de respeito aos ensinamentos que os foram passados. As divindades que estão presentes no altar, na quaresma em si, são cobertos com algum tipo de toalha. Cresci vivendo esse momento. Esse evento só acontece na Semana Santa já que, no olhar bíblico, esse tempo foi o mais importante de todas as passagens, pois o filho de Deus foi morto e ressuscitou nesse período, por isso cobrem os santos. “Nessa época, o mundo está desprotegido, os demônios estão soltos, porque Jesus foi morto”. Nas exatas 9 horas da manhã, num sábado de aleluia, eles são descobertos, pois nesse momento o mundo já se volta para Deus. É incrível já que, no sábado e domingo, é um dos dias mais felizes da quarentena, onde já se pode voltar à normalidade,

pois na semana santa é uma semana de muita concentração, onde as pessoas evitam sair de casa, evitam carne vermelha, evitam ouvir quaisquer tipos de música entre muitas outras coisas. Já no sábado e domingo, essas restrições vão se retraindo aos poucos, até voltar a normalidade. No entanto, no domingo de ressurreição existem momentos bem interessantes. Cada família se reúne em suas casas para realizar o jejum, geralmente no começo da manhã, os filhos pedem benção para os pais, perdão, e procuram as mais idosas da família ou comunidade para pedir benção. Já em jejum, sem beber ou comer nada até a ceia do meio dia, as rezas abençoam a comida que será oferecida finalizando o jejum. A comida que sobra dessa cerimônia é jogada em rios ou córregos para os peixes; na parte da tarde, todos da comunidade vão para o cemitério rezar para as pessoas que já partiram, e então chega-se ao fim a quaresma,

No entanto, a tradição das rezas não acaba por aqui, já que a ladainha é a oração mais rezada nas festas de santo. Praticamente se não houver essa reza, a festa não se consolida como uma festa de santo, nessa reza nota-se a fé que as pessoas possuem nos santos. Ao contrário do que muitos dizem que as pessoas católicas são adoradores de imagens, nota-se que os santos são uma das formas mais sensatas que Deus deixou para que as pessoas não se perdessem. Ou seja, como se fossem exemplos para que outras pessoas entendam que Ele existe e cuida da gente.

A simbologia de adorar imagens é muito vista na Bíblia, já que adorar imagens e ídolos nos leva para um caminho distante do Criador. No entanto, esses seres chamados santos, são pessoas que se martirizaram e doaram a sua vida a Deus, deixando assim um legado para que muitos cristãos possam seguir. Na visão do catolicismo, isso se trata de intercessores. Sendo assim, os santos são seres que in-

tercedem aos pedidos das pessoas. No entanto, cabe a Deus decidir se os pedidos serão realizados, pois Ele é o possuidor da sabedoria e do poder sobre todas as criaturas. Nas orações passadas adiante, nota-se muito a palavra intercessão, simplesmente por esses motivos.

As Festas de Santo são umas das maiores riquezas em cultura que o território possui. São realmente momentos sagrados onde reúnem pessoas que não se conhecem, familiares que havia tempos não se encontravam, amigos distantes, enfim: coisas que em lugar algum se encontra. Se no sítio praticamente todos os meses tem uma festa de santo, percebe-se que todo mundo respeita essa dia, e é passado dos mais idosos às mais crianças, uma troca de viveres e saberes que só se percebe passando por lá.

Essa riqueza de cultura, religião e manifestação de amor só é possível pela preservação tanto da natureza quanto dos povos nativos e pela existência do Rio Jauquara, rio esse que se consegue perceber o tamanho de sua importância para todos. Até porque não é só a comunidade que necessita da preservação do bem natural, considerando que suas águas passam por municípios e alimenta milhares de família mesmo que de forma indireta.



A IMPORTÂNCIA DA LADAINHA

A seguir está escrita a ladainha, rezada no território onde os “pês” ou estrofes popularmente conhecido são rezado pelos Capelães e, logo em seguida, é respondida pelas “respondeiras”, formando um coral belo e gostoso de se escutar. A ladainha é formado por sessenta e dois “pês” ou estrofes, criado em gerações anteriores e passadas para as pessoas que nasceram com a vocação de mantê-la viva. Nota-se que a todo momento da ladainha a história de Cristo está presente, e que é como se fosse uma forma de pedido de perdão presente nos “Deus, vós o salve”, ou nas “Orais por nobres” que, na tradução do linguajar popular, é um pedido para que os santos orem pelas almas. E, nas partes finais, pedem que fiquem imunes de seus pecados. O nome de Maria mãe de Cristo e o próprio Jesus aparecem com outros vários nomes, mas que levassem a um único destino, o julgamento final, levando as preces a Deus e assim serem salvos.

Nas rezas antigas encontra-se muito a ligação com o fim dos tempos, tal como é dito, e isso se dá na leitura da Bíblia como um todo, principalmente o livro do Apocalipse, que retrata a visão em que chega o julgamento final, considerando as tragédias, as bestas apocalípticas, entre outros acontecimentos. Também relata o refúgio precatório, que é um lugar onde as almas que não tem muitos pecados conseguem passar um tempo por lá até que se consiga a salvação.

Assim como é rezada uma missa, realizada um culto, ou algo do tipo, a ladainha também se encaixa nesse quesito, já que podemos considerar as partes dos ritos iniciais (onde muitas vezes nas festas a procissão se torna essa parte). Em minha concepção, desde o momento em que se pega o santo e começa a seguir os capelães e cantadores, pra mim



já é uma forma de rezar, já que a ladainha é como se fosse as partes em que envolve as preces e a liturgia da palavra, entrando nas partes onde pedimos perdão e arrependemos de nossos pecados como um todo.

Passando por outras orações descritas, temos a de ofertório, as de agradecimentos e os ritos finais, momento de “beijar santo” – uma forma de agradecimento e a sensação de dever cumprido, pois aqui se encerra todo um processo que leva tempo, energia e muita fé.

Algumas promessas envolvem várias ladainhas, variando conforme a promessa. Já participei em algumas em que foram 3 ou 4 ladainhas antecedidas de São Gonçalo. Normalmente, são promessas aleatórias já que nas festas tradicionais que tem todo ano, e são contadas através dos santos, já que os moradores sempre fazem festas para mais de um santo, sendo que um é o principal. Um exemplo da festa que tem três santos como festeiros, conseqüentemente são três ladainhas, cururu, São Gonçalo etc. É como se fossem realizadas três festas em uma noite e se considerasse uma festa para cada santo. É claro, porém, usa-se uma festa apenas.

Nas páginas seguintes estão escritas algumas das orações mais usadas no território e seus significados, começando com a famosa ladainha, a oração inicial. As outras orações seguem o mesmo padrão da ladainha, contando histórias de Maria e a santíssima Trindade, sempre com meios bíblicos de cada santo.

Em relatos dos moradores ninguém consegue explicar o mentor dessas orações, só sabe-se que, de fato, é muito antiga e que foi passada pouco a pouco para a geração atual. Muitas rezas e orações deixaram de ser passadas e ficaram no sigilo pois, conforme dito por vários moradores, “tem gente que não tá preparado para essas rezas”. Ou seja, se rezada com fé, tem poderes bons e se rezada com ódio ou pensamentos malignos, os poderes são adversos e prejudiciais a quaisquer pessoas.

Por isso várias rezas foram esquecidas no tempo e várias não puderam estar presentes aqui, são coisas que parecem com menos importância, porém são essas pequenas coisas que fazem realmente a diferença. Algumas das rezas que ainda sobrevivem nos dias atuais foram passadas por gerações e gerações, ainda que transmitida a poucas pessoas.

Normalmente quem tem acesso a orações muito antigas são realmente os moradores mais experientes do território.

Uma das estrofes que possui maior significado é a encontrada no estrofe 61 que, segundo relatos, surgiu com um dos profetas que pegou Jesus e começou a cantar essa pequena parte. Tais ideias vêm desde os antepassados. A maioria desses saberes foi passada para geração atual pelo morador Eugênio, que por sinal foi um dos mais sábios que existiu na comunidade. Todo fim de tarde aproveitava que todos estavam presentes e começava a passar seus ensinamentos aos demais. Em uma das conversas, ele explicou ao meu avô, que por sinal é um dos seus bisnetos, o verdadeiro sentido sobre as esmolas ou visita com santos nas comunidades. Surgiu e tem um significado interessante. Segundo os ensinamentos, essa parte serve pra Deus e o santo saber sobre o coração das pessoas já que várias pessoas que possuem muitos bens não são capazes de compartilhar com pessoas que têm pouca coisa, e algumas pessoas de bom coração e que têm quase nada, mas sempre compartilham o pouco que têm.

Ainda em questão das rezas, todas sempre relatam as histórias de tal santo, sendo que a maiorias delas são em homenagem a Santa Maria que, por sinal, aparece em vários locais em datas diferentes e nomes diferentes com milagres diferentes. Prova disso é a Nossa Senhora Aparecida, Nossa Senhora da Conceição, Nossa Senhora de Fátima, entre outros santos. Uma das maiores provas dos valores que possui a mulher, e nas rezas tem esse jeito de aparecer também com várias nomenclaturas, principalmente na ladainha que se fala muito em suas passagens.

As demais rezas e orações presentes são como complementos da ladainha.

ORAÇÕES

LADAINHA

- 01 Deus vós o salve, Maria filha de Deus padre.
- 02 Deus vós o salve, Maria mãe de Deus filho.
- 03 Deus vós o salve, Maria esposa do Espírito Santo.
- 04 Deus vós o salve, Maria sempre poderosa glória da santíssima Trindade.
- 05 Deus vós o salve, Maria concebida sem pecado original, amém.
- 06 Deus vós o salve, Maria sem pecado original, amém.
- 07 Glória ao padre e ao filho e ao Espírito Santo.
- 08 Século de princípio de quem sempre e de ser século de glória, amém.
- 09 Amado Jesus e José Joaquim, Ana e Maria, eu vós dais o meu coração corpo e alma em vida.
- 10 Quero estrela e zão, quero estrela e zão, quero estrela e grismas, quero estrela e grismas.
- 11 Pátria é de seles Deus, misereres nobres.
- 12 Santa tiritasses nos Deus, misereres nobres.
- 13 Espírito santo é Deus, misereres nobres.
- 14 Redentor nós Deus, misereres nobres.
- 15 Santa, santa, santa Maria, orais por nobres.
- 16 Santa de Genetriz, orais por nobres.
- 17 Santa de virgem vijino, orais por nobres.
- 18 Martem em Cristo, orais por nobres.
- 19 Martem criatório, orais por nobres.
- 20 Martem divinigracia, orais por nobres.
- 21 Martem puríssima, orais por nobres.
- 22 Martem castíssima, orais por nobres.
- 23 Martem envio latas, orais por nobres.
- 24 Martem intemeratas, orais por nobres.
- 25 Martem ramabeles, orais por nobres.
- 26 Martem ademerabelis, orais por nobres.
- 27 Martem criatório, orais por nobres.
- 28 Martem salvatório, orais por nobres.

- 29 Virgem pudiquíssima, orais por nobres.
- 30 Virgem veneranda, orais por nobres.
- 31 Virgem a frudicando, orais por nobres.
- 32 Virgem a portem, orais por nobres.
- 33 Virgem a cremes, orais por nobres.
- 34 Virgem a fidelis, orais por nobres.
- 35 Especolorum justiça, orais por nobres.
- 36 Sede sapienciais, orais por nobres.
- 37 Causa nós estrela ticiai, orais por nobres.
- 38 Vás espírito celes, orais por nobres.
- 39 Vás inora belis, orais por nobres.
- 40 Vás insigue de votienes, orais por nobres.
- 41 Rosa mística, orais por nobres.
- 42 Torres da vidica, orais por nobres.
- 43 Torres da buniana, orais por nobres.
- 44 Domes nauzauria, orais por nobres.
- 45 Selis dizarca, orais por nobres.
- 46 Já no anceles, orais por nobres.
- 47 Estrela matutina, orais por nobres.
- 48 Sales infermorrem, orais por nobres.
- 49 Refugio precatório, orais por nobres.
- 50 Consolastre zafetório, orais por nobres.
- 51 Auchilhom que chianorom, orais por nobres.
- 52 Regina angelório, orais por nobres.
- 53 Regina patriatório, orais por nobres.
- 54 Regina postulario, orais por nobres.
- 55 Regina martirum, orais por nobres.
- 56 Regina confessório, orais por nobres.
- 57 Regina virjino, orais por nobres.
- 58 Regina santoruania, orais por nobres.
- 59 Regina semelastre que me concede, orais por nobres.
- 60 Regina socatissima rosario, orais por nobres.
- 61 A que nos demes que todos pecade e
munde fosse deme dominus
- 62 A que nos demes que todos pecade e
munde misereres nobres.

SALVE, RAINHA

Salve rainha, mãe de misericórdia, vida doçura esperança a nossa, salve a vós, bradamos os degradados, filho de Eva, a vós suspiramos, gemendo e chorando neste vale de lágrimas, eia pois advogada nossa, esses vossos olhos misericordiosos a nós volvei, e depois deste desterro, mostrai-nos Jesus bendito, o fruto do vosso ventre, ó clemente, ó piedosa, ó doce sem virgem Maria, rogai por nós, santa mãe de Deus, para que sejamos dignos da promessa de Cristo.

Orais por nobres santa janetris

Oremos paixão de vós, Cristo

Ad ressurreição demos glória perom camos periam damo Cristo está com Deus nostro

Amém.

GLÓRIA DA VIRGEM

Resposta: Santa Maria, orais por nobres.

- 01 O glória da Virgem, sofremos nas estrelas.
- 02 E o criador criastes, nós feito da pureza.
- 03 Com três filhos nos destes, porque Deus criou Eva.
- 04 Para que no céu entramos, vós dai a porta aberta.
- 05 Do alto rio entrada, salão de nós sofremos.
- 06 E o gente o rei gemido, as flores da grandeza.
- 07 Jesus filho da Virgem, a vossa glória seja.
- 08 Com Deus, padre santo espírito da vida eterna amém, Jesus.
- 09 Glória seja o Padre, o glória seja Filho.
- 10 Glória seja o Espírito Santo as flores da grandeza.

GRAÇAS A VÓS DA MÃE SENHORA

Resposta: Graças a vós da mãe senhora, virgem por deus escolhida / para ser mãe do redentor a senhora aparecida / (bis).

01 Graças a vós da mãe senhora, virgem por deus escolhida / para ser mãe do redentor a senhora aparecida / (bis).

02 O gasto seio de Ana, e sem pecado concebida / foi a rainha dos anjos a senhora aparecida / (bis).

03 De um louvor mira Maria, mãe de Deus autor da vida / louvamos com alegria a senhora aparecida / (bis).

04 Seja por sempre bendito, da virgem esclarecida / meus parabéns seja dado a senhora aparecida / (bis).

05 Em cortar providência, da minha morte sabida / foi dentro do rio achado a senhora aparecida / (bis).

06 O infeliz do pescoço, a corrente viu caída / foi proteção milagrosa a senhora aparecida / (bis).

07 Quando nos vimos cercado, dos perigos dessa vida / foi o remédio infalível a senhora aparecida / (bis).

08 Se quisermos ser felizes, neste e na outra vida / sejamos todos devotos da senhora aparecida / (bis).

09 Já na hora derradeira, ao sairmos desta vida / interceder Deus por nós a senhora aparecida / (bis).

Francisco Sales da Silva

ORAÇÃO DE SANTO ANTÔNIO

Resposta: Santo Antônio da Lisboa milagroso imperador a vinte e nove de agosto de um castigo nos livrou.

01 Santo Antônio da Lisboa milagroso imperador a vinte nove de agosto / de um castigo nos livrou/(bis)

02 O santo pediu a Virgem Mãe do nosso redentor que levantou seu castigo / por vosso divino amor/(bis).

03 O santo pediu à Virgem a Santíssima Trindade que a levanta seu castigo / por obra da caridade/(bis).

04 A bandeirinha da glória na mão direita pegou rebatendo no inferno / pra livrar o pecador/(bis).

05 A bandeirinha da glória na mão direita segura rebatendo no inferno / pra livrar a criatura / (bis).

06 Desceu um raio abrasado que deus tinha prometido de abrasai o mundo em fogo / por se ver tão ofendido / (bis).

07 Santo Antônio da Lisboa espelho de Portugal venha me ajudar vencer / essa batalha real/(bis).

08 Santo Antônio da Lisboa também passou em Belém, leva nossa alma na glória / para século sem fim, amém./ (bis).

*Oração copiada em 29/12/1989,
pertencente à Delfina Benedita da Guia.*

ORAÇÃO DE SÃO SEBASTIÃO

Resposta: Martem glorioso São Sebastião nos livrai da peste de toda tentação.

01 Martem glorioso São Sebastião livrai-nos da peste de toda tentação.

02 Martem glorioso o nosso advogado livrai-nos da peste meu santo sagrado.

03 Martem glorioso o nosso protetor livrai-nos da peste e da grave dor.

04 Martem glorioso estrela do norte livrai-nos do inferno na hora da morte.

05 Martem glorioso o meu Jesus também levai-nos na glória para sempre, amém.

ORAÇÃO CORAÇÃO AMOROSO

Resposta: Bendito louvado seja um coração amoroso pelos homens de a vida / assim no sempre poderoso / (bis).

01 Bendito louvado seja um coração amoroso pelos homens de a vida / assim no sempre poderoso / (bis).

02 Assim no sempre poderoso seja bendito louvado que tão amante morreu / numa cruz crucificado/(bis).

03 Numa cruz crucificado tão divino coração para nos livrar do inferno / deu princípio em Adão / (bis).

04 De o princípio em Adão remédio de corpo e pena oferecido o pai eterno / que assim mesmo se condena/ (bis).

05 Que assim mesmo se condena no decreto de Deus padre tornando a humanidade / no ventre da virgem imagem / (bis).

06 No ventre da virgem imagem aquele Deus verdadeiro por ser verdadeiro homem / nos livrou do cativoiro/(bis).

07 Nos livrou do cativoiro sagrada morte e paixão com o vosso sangue / o prêmio da salvação/(bis).

08 O prêmio da salvação que nos deu a santa cruz ofereço este bendito / para sempre amém, Jesus / (bis).

Francisco Sales da Silva

BENDITO

Bendito louvado seja, seja santíssimo sacramento.

Da puríssima da conceição da Virgem Maria, senhora nossa.

Concebida em graça sem pecado original desde o primeiro estante, desde o primeiro estante, deixa ser para sempre, amém.

Francisco Sales da Silva

ORAÇÃO DE BEIJAR SANTO

O viva Jesus, o viva Jesus, Maria, José, Santana e São Joaquim, na hora da morte, lembrai-vos de mim (bis 3x).

ORAÇÃO DA CONCEIÇÃO

Resposta: Deste salve, mãe senhora, padroeira da missão / por ser filha de Deus padre, Maria da conceição/ (bis).

01 Deste salve mãe senhora, padroeira da missão / por ser filha de Deus padre Maria da conceição / (bis).

02 Maria da conceição, quem por ela intercedeu / por ver os santos cantando por que a glória nos deu / (bis).

03 Porque a glória nos deu, cantando com alegria / a louvada seja sempre conceição de Maria / (bis).

04 Conceição de Maria, louvada seja também / nome do pai, do filho, do espírito santo, amém / (bis).

Francisco Sales da Silva

ORAÇÃO DE JESUS, MARIA, JOSÉ

Bendito louvado seja a santa do tanque novo que desceu do céu a terra para salvação do povo.

Para a salvação do povo, Jesus, Maria, José, com seu rosário na mão rezando todas com fé.

Rezamos todos com fé pra nossa alma se salva Jesus, Maria, José, que nós a de perdoa.

Que nós a de perdoa adiante daquela cruz levai nós todos na glória para sempre, amém, Jesus.

Francisco Sales da Silva

AMEAÇAS

Vendo as tradições do Vão Grande, percebe-se que se trata de um lugar incrível, não só de cultura passada de gerações a gerações quanto de preservação do meio ambiente, o que é percebido logo à primeira vista ao adentrar o território. O Vão Grande é um lugar cheio de vida, que sobrevive até nos dias atuais devido ao Rio Jauquara, que traz todas as condições de vida para essas comunidades, que dependem diretamente desse único rio que corta as comunidades e é alimentado por córregos ao decorrer desse trajeto. Em algumas épocas do ano alguns córregos quase secam e outros chegam a secar dependendo do tamanho da estiagem. Essas ações acabam a ter uma grande reação, principalmente no volume do rio, já que é menor a quantidade de água disponível.

O território é extremamente rico em cultura, religião, dentre outros fatores. No entanto, outra realidade do território são as ameaças presentes, onde se sabe que toda essa riqueza está em constante ameaça, seja pela falta de conhecimento dos jovens quanto pelas mudanças no meio ambiente, incluindo as mudanças climáticas em si, ou mesmo pelo descaso do ser humano com a natureza.

Citando algumas das ameaças, começamos por desmatamentos, PCHs - pequenas centrais hidrelétricas, agrotóxicos, mineração e a monopolização da cultura. Isso implica diretamente na saúde do rio, considerando que praticamente todo ano ocorrem muitas queimadas nas redondezas ou no território mesmo. A maioria dessas queimadas são provocadas através de desmatamentos por grandes produtores. Em certa parte ocorre por acidente mesmo, isso tem um impacto muito negativo no meio ambiente, já que interfere em várias causas que seriam naturais. Nas narrativas dos nativos, percebe-se uma certa comparação entre a situação atual e as anteriores.

Alguns exemplos, são as mudanças climáticas. Inclusive

é uma das mais relatadas por todos, pois faz alguns anos, os moradores confiavam no calendário de chuva e seca, e através dele conseguia prever, por exemplo, que planta seria plantada ou que tempo faria a manutenção das roças em si. No entanto, no cenário atual, percebe-se uma grande dúvida, já que a ação do homem acabou bagunçando as fases climáticas, e isso acabou fazendo com que várias espécies de plantas entrassem em segundo plano, ou até mesmo desaparecendo nas roças e quintais.

Atualmente, o Rio Jauquara sofre a grande ameaça de construções de PCHs no seu percurso, inclusive nos locais de deságua. Isso nos leva ao alerta máximo, por ser uma ação com resultado extremamente negativo no próprio rio e nas comunidades que necessitam dele para sua sobrevivência. Levando em conta que provavelmente o Rio Jauquara não suporta quaisquer ações desse tipo em seu percurso, já que há pontos que são tão rasos que é possível atravessar com a altura das águas praticamente no tornozelo.

CONVERSA A RESPEITO DE SERES ENCANTADOS

PEDRO SILVA Nas Rodas de Conversas noto que há muitos casos misteriosos nas lembranças dos mais velhos. O Tubanaré é uma espécie de pássaro mal formado, todo esquelético. São pessoas que de alguma forma não aceitaram a morte ou morreram tragicamente, morreram tão rápido que não deu tempo de se arrepender dos pecados ou não deu tempo de entender a morte. Nessas narrativas, o Tubanaré costuma aparecer com o pôr do sol, no começo da noite, normalmente ele solta um ruído muito parecido com o assobio de uma pessoa normal, em outros casos o assobio é totalmente assombroso como se fosse uma espécie de grito mesmo. São como demônios procurando hospedeiros. Segundo relatos, se a pessoa não tem fé em Deus essa criatura assombra a pessoa a ponto de levá-la à loucura ou, algumas vezes, se transforma em coisas horrorosas como uma ave cheia de fogo ou até mesmo se materializa em outros seres. Se, por outro lado, percebe que a pessoa tem uma fé forte, acaba indo embora. Uma das opções para não ser incomodado pela criatura é apenas ignorar seus assobios e continuar a fazer o que estava fazendo.

Mas vamos falar de uma criatura travessa que em alguns lugares é conhecida como Subanaré. Pelas narrativas se trata do saci, que inventa algumas travessuras principalmente com animais. Há relatos que às vezes as pessoas deixavam cavalos amarrados em piquetes e, noutro dia, percebiam as crinas do cavalo trançadas, mas com um trançado tão perfeito como se uma pessoa tivesse feito

a trança. Já ouvi que isso aconteceu também com animais soltos também.

IVAN RUBENS Pedro, aconteceu na noite de 18 de junho de 2021. Eu estava na casa do tio Antônio. Nós havíamos combinado de acordar cedo no dia seguinte para passar na casa da Lindalva pois aconteceria o lançamento da primeira versão de suas Narrativas do Interior. Lembra?

PEDRO SILVA Hãhãá (lembro!)

IVAN RUBENS Pois então, tio Antônio foi dormir agitado, estava com mal pressentimento, alguma coisa estaria acontecendo com o bezerro que ele criava lá no pasto. Tio Antônio amarrou o bezerro para cuidar de uma bicheira. Então, combinamos que o Sid cuidaria do bezerro, liberando o Tio Antônio para seguir comigo até Barra do Bugres. Mal amanheceu o dia, tio Antônio estava muito nervoso:

- Ivan, não vou com você. Estou muito preocupado com o bezerro. Vi num sonho que o bichinho está em apuros. Escutei assobios, tem traquinagem no pasto.

Seguimos imediatamente. Ao chegar, vimos o bezerro todo amarrado. Uns 20 metros de corda amarrando o bicho: patas amarradas umas nas outras, o bicho todo preso. Uma cena terrível. Num primeiro momento, pensei: como esse bicho conseguiu se amarrar assim? Ao que tio Antônio me provocou:

Como é mesmo o nome que vocês dão para o menino que faz traquinagem?

Saci Pererê. Respondi.

Sabe, Pedro, foi muito difícil soltar o bezerro. Ele estava muito assustado e dolorido. As patas deveriam estar dormentes pois a circulação sanguínea já estava visivelmente prejudicada. Enquanto soltávamos a corda, nó por nó, tio Antônio explicou que o Subanaré esteve ali. Ele mesmo, o Subanaré fez a traquinagem.

PEDRO SILVA Pois é Ivan, nos dias atuais são pouco frequentes essas narrativas. Como eu disse nas Narrativas do Interior, essas criaturas foram sumindo conforme o desenvolvimento das comunidades. Os povos mais antigos do território possuem mesmo essa ligação com sonhos e essas sensações que o senso comum conhece como “sexto sentido”. Os mais antigos são muito apegados às criações, seja criados em pastos mangueiros, seja no próprio quintal. Olha, se algo acontecer com seus animais provavelmente eles irão saber.

IVAN RUBENS Sim, acredito. O bezerro ficou bem, demos água, cuidamos da bicheira e ficamos um tempo ali no terreno conversando... tio Antônio me contou detalhes do sonho que o Subanaré apareceu para ele, daí o desespero e a urgência em acudir o bezerro no pasto. Não havia tempo a perder e, de fato, chegamos no limite da saúde do bichinho. Eu acredito que o Subanaré fez a traquinagem mas, para não prejudicar ninguém nem mesmo o bezerro, ele avisou o tio Antônio em sonho. O que você acha?

PEDRO SILVA Concordo. Sempre que essa criatura aparece, pode ser para fazer brincadeira ou é para nos deixar um aprendizagem. Uma possibilidade que estou pensando aqui: talvez o recado do Subanaré fosse para tio Antônio não amarrar o bezerro.

Talvez fosse um recado do tipo: o bezerro é muito manso! Se o Subanaré (ou saci com você disse) fez a traquinagem, perceba que ele apareceu em sonho para avisar que algo não estava correto.

IVAN RUBENS Pedro, confesso: eu vi rastros do Subanaré. Tio Antônio me mostrou o percurso dele, pegadas e rastros que deixou no caminho. E eu senti que ele nos observava. Era como se estivesse por ali, escondido, tocaiado, olhando nosso esforço em desamarrar o bezerro e zombando do nosso susto.

PEDRO SILVA Esse relato nos mostra que, mesmo quando não acreditamos em um mundo sobrenatural, há coisas que são inexplicáveis. Apesar disso, podemos sentir energias e ser testemunhos de fatos misteriosos. Se a criatura ainda estava ali, talvez seja um mistério, mas ela deixou uma marca como nos tempos anteriores deixava sua marca nas crinas dos cavalos, em bois e outros animais.



SOBRE ERVAS MEDICINAIS

PEDRO SILVA Já que estamos falando de cultura, Ivan, quero citar as ervas medicinais. As ervas medicinais são usadas há muitos anos pelos nativos e nativas de comunidades indígenas e quilombolas. No território quilombola Vão Grande não é diferente: a maioria das doenças que passavam por ali eram curadas com os próprios remédios tirados principalmente do cerrado. Algumas pessoas eram especialistas em encontrar as plantas corretas e preparar os remédios. Bom lembrar que nossa comunidade fica distante da cidade e antigamente o acesso era ainda mais difícil e lento. Ou seja, muita gente na comunidade, mas muita gente mesmo, quase todo mundo tinha o costume de aprender. Essa prática ainda está presente em nossa comunidade mas numa escala bem menor.

Tia Adelaide é uma das rezadeiras, parteiras e remeieira mais famosa do território Vão Grande. Vó Dita também se destaca nesse quesito. Elas provavelmente conhecem quase todos os tipos de remédios para quase todos os tipos de sintomas que aparecem. Sempre que as pessoas tinham sintomas, procuravam elas. Sem falar que várias pessoas que não podiam ou não conseguiam ir até a cidade para buscar remédios, não podiam ir até a cidade para dar à luz um bebê, sempre a procurava para que pudesse fazer algo.

Não citarei todos os nomes de plantas medicinais porque são muitas e produzem muitos remédios. As mais famosas são: Mentraste, Arruda, Poejo, Mada de Cabra, Canela de Velho, Mangava Braba, Ange-

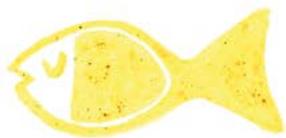
lin, São Caetano entre milhares de plantas ou ervas medicinais. Provavelmente se sentir algum desconforto, a tia Adelaide consegue te direcionar um remédio ótimo pra curar. Praticamente todos do sítio sabem ou conhecem alguns remédios. Esse conhecimento é passado de geração a geração como uma forma de não ter a necessidade de ir a cidade. Claro que, nos tempos atuais, a recomendação é procurar um médico ou farmacêutico. Porém, conheço histórias de pessoas que chegaram próximo e até ultrapassaram os 100 anos de idade sem nunca ter passado por um médico, os anteriores viviam muito. Bom, pelo menos no sítio percebe-se isso, até porque o modo de criação, os alimentos e os costumes mesmo de vida eram outros, a vida era mais tranquila, os alimentos mais puros e saudáveis. Talvez o mundo evoluiu tanto que precisamos ser sustentados a base de remédios produzidos industrialmente para garantir nossa sobrevivência. O agrotóxico, as liberações de gases, a poluição desordenada nos deixaram refém de produtos sintéticos. Uma evolução difícil de entender, não?



CURIOSIDADE

Você percebeu que este livro foi ilustrado apenas com elementos que encontramos na natureza? As imagens e texturas que coloremos o imaginário das histórias aqui contadas foram criadas a partir de folhas, sementes, raízes e pigmentos naturais. Compartilhamos agora os ingredientes e as receitas de tintas naturais que foram usadas para criar esses desenhos e sugerimos uma atividade que pode ser feita por toda a comunidade. Essa ação é mais uma forma de percebermos a riqueza do nosso território e interagirmos com o meio em que vivemos. Dessa vez, por meio da arte!

Identificando os ingredientes utilizados



Raiz de açafrão



Açafrão em pó



Urucum



Algas azuis /
Espirulina



Barro marrom



Café em pó



Curry



Grãos



Folhagens

RECEITA DE TINTA NATURAL

- 1 colher de chá do pigmento em pó (veja na cozinha e no entorno da sua casa quais temperos, especiarias ou terras têm uma cor que você gostaria de utilizar, como o café, o açafrão etc.)
- Água
- Um pote raso
- Uma colher para misturar
- Uma folha de papel ou retalho de tecido de algodão
- Um pincel

Modo de preparo:

Coloque 1 colher de chá do pigmento no pote e, com o auxílio de uma colher, vá acrescentando a água aos poucos e misturando até dissolver tudo. Sugerimos colocar 1 colher de sopa de água, misturar e experimentar o pigmento na superfície de papel ou tecido, utilizando o pincel. Se a tinta estiver muito seca, vá acrescentando mais água, aos poucos, e testando até encontrar o pigmento e textura que você mais gosta. E está pronto!

Dicas:

- Para ter uma tinta mais homogênea você pode coar a tinta com uma peneira fina ou um voal e retirar os grãos maiores. A tinta ficará mais líquida e a cor mais uniforme.
- Alguns pigmentos mancham a roupa, então é bom ter cuidado quando estiver produzindo e utilizando as tintas e os materiais de pintura.
- As receitas para criar as tintas naturais são feitas à base de água, não são tóxicas e não poluem o meio ambiente.



**VIVA O RIO JAUQUARA,
VIVA O VÃO GRANDE, VIVA!**

**VIVA O RIO PARAGUAI,
VIVA O PANTANAL, VIVA!**

**VIVA TODOS COMITÊS
POPULARES DOS RIOS DA
BACIA DO PARAGUAI.**

Esta obra foi composta de Bookman Old
Style e impressa em ofsete sobre papel pólen,
na primavera de 2021.





ESCOLA DE ATIVISMO

Apoio:



Apoio institucional:

HUMEDALES SIN FRONTERAS

